

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE QUÍMICA
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA**

VANESSA ROCHA JUSTINO

**MULHER NEGRA E PESQUISADORA? (RE)ARTICULANDO O
AMBIENTE EXCLUDENTE DA UTFPR SOB UM VIÉS PÓS-CRÍTICO
FEMINISTA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CAMPO MOURÃO
2019**

VANESSA ROCHA JUSTINO

**MULHER NEGRA E PESQUISADORA? (RE)ARTICULANDO O
AMBIENTE EXCLUDENTE DA UTFPR SOB UM VIÉS PÓS-CRÍTICO
FEMINISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso 2 (TCC 2), do curso de Licenciatura em Química do Departamento Acadêmico de Química - DAQUI, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Química.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Pricinotto

Coorientador: Prof. Me. Alexandre Luiz Polizel

**CAMPO MOURÃO
2019**



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Campo Mourão
Departamento Acadêmico de Química - DAQUI
Curso de Licenciatura em Química



TERMO DE APROVAÇÃO

MULHER NEGRA E PESQUISADORA? (RE)ARTICULANDO O AMBIENTE EXCLUDENTE DA UTFPR SOB UM VIÉS PÓS-CRÍTICO FEMINISTA

por

VANESSA ROCHA JUSTINO

Este trabalho foi apresentado em 04 de dezembro de 2019, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Química. A Candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Prof. Dr. Gustavo Pricinotto
(UTFPR)
Orientador

Prof. Me. Alexandre Luiz Polizel
(UTFPR)
Coorientador

Prof.^a Ma. Mônica Patrícia de Almeida
(SEED)

Prof.^a Lda. Ana Carolina Hyrycena
(SEED)

AOS MEUS AMADOS

Como começar? Talvez essa seja uma das seções mais difíceis de se escrever, já que envolve os sentimentos mais profundos e só nesse início já estou emocionada, com os batimentos acelerados e mãos trêmulas (e suadas). Mas vamos lá! Não poderia iniciar de outro modo que não fosse por aqueles que sempre estiveram ao meu lado, os que me conhecem mais intimamente, que sabem das minhas qualidades e defeitos mais que ninguém e que compartilham a vida comigo: minha família...

Aos meus pais, Elisabete Rocha dos Santos e Marcos Antonio Justino, sem vocês eu não seria o que sou hoje e não teria chegado até aqui se não fosse por vocês, que sempre fizeram todo o possível por nós, sem maiores cobranças e nos deixando livres para tomarmos nossas próprias escolhas e decisões. Sou muito grata por tudo que já fizeram por mim e, mesmo depois de casada, continuam fazendo. Sem dúvida vocês foram os que mais aguentaram meu estresse e me suportaram nos dias que estava mal humorada por causa da faculdade, me perdoem por esses momentos e obrigada por não terem desistido de mim rsrs. Mesmo com nossas diferenças de opiniões, saibam que os amos infinitamente e vocês sempre serão meu porto seguro, espero que um dia vocês possam sentir o mesmo, pois estarei sempre aqui por vocês meus amores!

Ao meu esposo e companheiro Lucas Mandella Matias de Paula, meu parceiro que me aguentou plenamente nesse final de graduação (imagino que não tenha sido fácil rsrs). Obrigada por ter sido tão compreensivo nessa fase, por ter entendido o fato de eu ter deixado nossa casa um pouco de lado e deixado só para você os afazeres domésticos, além de todas as vezes que me lembrou de comer e dormir, quando eu mesma esquecia. Gratidão por toda sua paciência nos momentos que eu estava muito estressada e sem querer acabava até descontando em você, me perdoe por isso, mas saiba que reconheço tudo o que fez por mim nas últimas semanas, e não foi pouco! À minha enteada Maria Eduarda Araujo de Paula, que faz nossos dias mais felizes quando está conosco e cada vez mais me surpreende com sua inteligência e sabedoria, sou muito abençoada pela família que tenho!

Aos meus irmãos Polyana Rocha Justino e Michael Jonathan Justino, que sempre foram meus melhores amigos e vivenciaram todas as fases da minha vida ao meu lado, tanto as boas quanto as ruins. A minha infância só foi tão boa porque vocês faziam parte dela, vocês fazem parte das minhas melhores lembranças. Por vocês eu

daria minha vida e faria o possível para vê-los felizes, podem contar comigo para o que precisarem!

Aos meus cunhados Rosemilson Woicikoski e Larissa Lima, que se tornaram meus amigos e hoje os considero como irmãos. Junto com meus irmãos nos deram as preciosidades de nossas vidas, meus sobrinhos Matheus, Lucas e Lara (e logo o Davi, que vai nascer em um mês), sou muito feliz pela família que vocês formaram!

À minha afilhada Jullyane Emilly Bolonheze, que estava presente em minha apresentação, torcendo e vibrando por mim. Você me inspira a ser melhor, para que assim quem sabe eu possa te ensinar um pouco. Você foi o primeiro presente que recebi na vida (dos seus pais), sou muito grata por sua vida e feliz por poder fazer parte dela. Saiba que você sempre terá uma grande torcedora e incentivadora, sempre farei o possível por você, precisando é só chamar!

À minha prima/irmã Izabella Souza da Silva, minha parceira da vida, que já passou por tantos momentos ao meu lado e sempre me escutou e aconselhou. Desde seu nascimento eu te acompanho, mas continuo vibrando com seu crescimento pessoal e profissional. Cada conquista sua é como se fosse minha, você não tem ideia do tamanho da minha felicidade em você estar concluindo a graduação no mesmo semestre que eu, temos muito que comemorar!

À minha família no geral, tio, tias, primas e primos (e agregados), não vou citar cada um pois ficaria muito extenso (mais ainda rsrs), mas todos são muito especiais em minha vida. Os nossos momentos em família são os mais divertidos e alegres! Eu amo cada um de vocês!

Ao meu orientador Gustavo Pricinotto, que foi incrível nos aconselhamentos e ideias em todo o decorrer do trabalho, sem o seu auxílio não teria sido este o resultado, pode ter certeza que teria sido diferente. Você é o professor que mais me inspira, pois evolui a cada dia. Eu tenho acompanhado seu progresso, já que iniciamos no mesmo semestre na UTFPR (eu como estudante e você professor), e como você melhorou em todos esses anos! Hoje você é admirável e muito amado, se não por todos, mas pela grande maioria. Tenho muito orgulho de você e da sua trajetória. Sei que ainda tem muito a conquistar, então saiba que estarei sempre na torcida por ti! Muito obrigada por ter sido tão maravilhoso e ter deixado essa fase de escrita do TCC mais leve, já que não ficava me pressionando nos momentos em que não “saía” nada e me deixava fazer no meu tempo, isso fez toda diferença! Gratidão por isso e por sua amizade.

Ao meu coorientador Alexandre Luiz Polizel, que serzinho de luz você é! Não me canso de dizer o quanto sou admirada por sua inteligência, eu fico abismada com suas falas e cada vez aprendo um pouco com você. Espero que eu ainda possa ter muitas oportunidades de te escutar, seja em conversas aleatórias, grupo de estudo ou em palestras. Você nos inspirou demais para que este trabalho fosse concluído desta forma e, devido as suas ideias e contribuições quando ainda não tínhamos decidido qual rumo seguir, ele se encaminhou. Sou muito grata por todas as suas palavras e leveza em nos aconselhar!

Às mulheres maravilhosas da minha banca, Mônica Patrícia de Almeida e Ana Carolina Hyrycena, que tiveram tanta delicadeza comigo na apresentação e compreenderam o fato de eu estar muito nervosa e não me avaliaram por isso. Vocês contribuíram muito com as recomendações e apontamentos que fizeram no trabalho e sou muito grata por isso! Monica, que já tinha contribuído muito no meu projeto de pesquisa com suas ideias e eu puder perceber o quanto você é inteligente, fiquei muito feliz com as considerações que fez, pois me ajudaram bastante! Ana, que eu tive o prazer da parceria em algumas disciplinas, te admiro muito pela mulher que você é, você é fo** demais, nunca permita que façam você se sentir menos que isso!

Ao querido Juliano Lopes Soares dos Santos, que também participou da correção do meu projeto de pesquisa. Suas observações foram muito importantes e proveitosas para o andamento do trabalho. Muito obrigada por suas contribuições! Que você tenha um futuro brilhante!

Aos meus amigos Aline, Edson e Raquel, que a universidade me presenteou e estiveram comigo no início dessa jornada. Vocês não têm noção da falta que fizeram depois que se formaram (sim, eles me abandonaram rsrs). Sem vocês, normalmente eu me sentia perdida, não foi a mesma coisa sem vocês lá comigo. Mas sou muito grata pelos momentos que passamos juntos e pela amizade de vocês, que vou levar para vida toda!

Aos professores e professoras que percorreram meu trajeto e contribuíram para a minha formação. Em especial à coordenadora do nosso curso Estela dos Reis Crespan, que é tão incrível e não mede esforços para ajudar os estudantes. Você é uma pessoa muito especial e talvez nem tenha noção do quanto, mas tenho certeza que a maioria é tão grata quanto eu por termos você de coordenadora. Gosto demais da sua risada gostosa, é tão bom ver o seu sorriso e te ver feliz!

JUSTINO, Vanessa Rocha. **Mulher negra e pesquisadora?** (Re)articulando o ambiente excludente da UTFPR sob um viés pós-crítico feminista. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campo Mourão, 2019.

RESUMO

Tendo em vista que as mulheres negras enfrentam anos de opressão, sendo subjugadas e discriminadas, investigou-se sobre os elementos que provocam a resistência e/ou violência na trajetória dessas mulheres, a fim de compreender como uma mulher é (re)articulada no ambiente acadêmico da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Para tanto, é necessário conhecer as histórias que fizeram com que uma professora negra adentrasse a carreira acadêmica, tecer a rede de atores que influenciam na atividade profissional da professora e compreender como se dá o processo de resistência da professora negra, por meio da rearticulação dos atores que são postos diante de sua cor. Realizou-se, então, uma pesquisa qualitativa, com inspiração metodológica na análise de conteúdo. Utilizou-se um questionário aberto como instrumento de coleta de informações, e então fez-se uma leitura heteroautobiográfica das narrativas da sujeita de pesquisa. Diante disso, verificou-se que os elementos que ora fortalecem a possibilidade de ser mulher negra pesquisadora, ora enfraquecem essa possibilidade, já que não se encontram dissociados. A professora percorreu por diversas etapas da vida até chegar no local de mulher negra pesquisadora, etapas que em momentos foram violência, e em outros momentos, resistência. Os dois fatores rearticulados fizeram com que ela se tornasse forte e ocupasse o espaço que lhe é excludente, desmitificando assim o mito da meritocracia.

Palavras-chave: Mulher negra. Pesquisadora. Resistência. Violência. Rearticulação.

JUSTINO, Vanessa Rocha. **Black woman and researcher?** (Re)articulating the exclusionary environment of UTFPR under a feminist post-critical bias. 2019. Course Completion Work (Bachelor's Degree) - Federal Technological University of Paraná, Campo Mourão, 2019.

ABSTRATC

Considering that black women face years of oppression, being subjugated and discriminated, it was investigated the elements that provoke resistance and/or violence in the trajectory of these women, in order to understand how a woman is (re)articulated in the environment of the Federal Technological University of Paraná (UTFPR). Therefore, it is necessary to know the stories that made a black teacher enter the academic career, to weave the network of actors that influence the teacher's professional activity and to understand how the process of resistance of the black teacher occurs, through the rearticulation of the teachers actors who are set before their color. Then, a qualitative research was carried out, with methodological inspiration in the content analysis. An open questionnaire was used as an information collection instrument, and then a heteroautobiographical reading of the research subject's narratives was made. Given this, it was found that the elements that sometimes strengthen the possibility of being a researcher black woman, sometimes weaken this possibility, since they are not dissociated. The teacher went through several stages of life until she arrived at the place of a black woman researcher, stages that at times were violence, and at other times, resistance. The two rearticulated factors made it strong and occupied its exclusive space, thus demystifying the myth of meritocracy.

Keywords: Black woman. Researcher. Resistance. Violence. Rearticulation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Polarização proposta pelos modernos	22
Figura 2 - Procedimento de rearticulação.....	24
Figura 3 - Dicotomia entre ser mulher negra pesquisadora x ser mulher negra não-pesquisadora.....	29
Figura 4 - Procedimento de rearticulação.....	31
Figura 5 - Representação do ser mulher negra pesquisadora.....	32
Figura 6 - Representação do ser mulher negra não-pesquisadora	37
Figura 7 - Deslocamento dos elementos	44
Figura 8 - Camadas sobrepostas	45
Figura 9 - Espaço preenchido pelas sobreposições das camadas.....	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	Estudos Culturais	14
2.2	Estudos Feministas	16
2.3	Feminismo Negro	19
2.4	A Ciência é feminina? Quando é, é de mulheres brancas!	20
2.5	Bruno Latour e a Teoria Ator Rede (TAR): quem são os elementos que (de)formam o ser mulher negra	22
3	OBJETIVOS	25
3.1	Objetivo Geral	25
3.2	Objetivos Específicos	25
4	PERCURSO METODOLÓGICO	26
4.1	Sobre o referencial da metodologia	26
4.2	Quem é nossa sujeita de pesquisa?	28
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
5.1	Resistência? Elementos que reforçam a possibilidade de ser mulher negra pesquisadora	32
5.2	Elementos que reforçam a possibilidade de ser mulher negra não-pesquisadora	37
5.3	Rearticulando os elementos, novas possibilidades de (r)existência	43
6	(DES)CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	50
	APÊNDICES	56
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento	57
	APÊNDICE B – Questionário de pesquisa	58

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, as mulheres negras brasileiras foram subjugadas e consideradas inferiores em nossa sociedade. Na época da escravidão, eram escravizadas, tratadas como objeto sexual e estupradas pelos brancos, além de toda submissão e sofrimento. Quando libertas eram submetidas a prostituição, devido a pobreza extrema. “Essa sociedade as levava à prostituição como forma de se libertar, mesmo porque a sociedade senhorial não lhes permitia ter relações afetivas duradouras e raramente formavam organizações familiares” (VARGAS, 2016, p. 9). Com o decorrer do tempo, os movimentos negros feministas foram conquistando espaço e mais liberdade para as mulheres negras, através de muita luta e resistência. Contudo, até nos dias de hoje não possuímos uma sociedade igualitária, nem em termos de gênero, nem se tratando de raça. As mulheres negras são as que menos ocupam espaços de prestígio, dentre eles, a universidade e a carreira acadêmica. Existem vários fatores que fazem as mulheres negras resistirem nesses ambientes excludentes, que tanto as violenciam. Abordamos alguns destes fatores no decorrer deste trabalho.

Para evidenciar as diferenças existentes no âmbito da Ciência¹, na estereotipação entre homens e mulheres, e principalmente, buscando apreciar as possíveis dificuldades encontradas pelas mulheres negras neste meio, se faz necessária a discussão dos Estudos Culturais.

Dentre as linhas de pesquisa em Estudos Culturais, destacamos: gênero e sexualidade, raça e etnia, ciência e ecologia, política de identidade, instituições culturais, história e cultura global numa era pós-moderna, entre outros.

Segundo Nelson, Treichler e Grossberg (1992), os Estudos Culturais utilizam-se de teorias das últimas décadas, desde o marxismo e o feminismo, até a psicanálise, o pós-estruturalismo e o pós-modernismo, e consideram que são um campo abrangente, visto que podem ser interdisciplinares, transdisciplinares ou contradisciplinares.

¹ Segundo Bruno Latour (2000), Ciência com inicial em maiúscula e no singular, traz uma peculiaridade da modernidade, em meio a um significado único, dogmático e inquestionável. Mais adiante, mostramos que para além das dicotomias do científico e não científico, utilizamos a Ciência no seu sentido plural, como ciências.

Até o início do século XX, a Ciência era culturalmente considerada como uma carreira imprópria para mulheres (SILVA; RIBEIRO, 2011). Então a crítica feminista à Ciência passou a demonstrar e denunciar a invisibilidade e exclusão das mulheres neste contexto.

O movimento feminista da segunda onda, um movimento social e político que surgiu no final na década de 1960, possuía o intuito de melhorar as condições das mulheres na sociedade e lutar por igualdade entre homens e mulheres (NUCCI, 2015). A partir deste movimento abertamente político, surgiu a teoria dos Estudos Feministas, projeto intelectual e acadêmico (KELLER, 2006).

Esses estudos foram divididos em duas vertentes: mulher e Ciência; e gênero e Ciência. Segundo Nucci (2015), a primeira “preocupa-se em dar visibilidade, interpretar e analisar a presença ou ausência das mulheres na prática científica, chamando atenção para a exclusão histórica das mulheres na Ciência” (p. 3). Já a segunda vertente, mostra as implicações do gênero na produção científica. Através desta perspectiva, as feministas passaram a reivindicar a inclusão de mulheres e de diferenças na Ciência e na produção científica (NUCCI, 2015).

Para Keller (2006), o feminismo contemporâneo mudou a situação das mulheres na Ciência. Embora não tenha ocasionado a igualdade plena, houve um avanço das mulheres em diversas áreas da Ciência. Apesar de o movimento feminista ter obtido avanços para as mulheres, ainda era excludente se tratando das mulheres negras. As feministas brancas não entendiam que as mulheres negras além de serem oprimidas pelo gênero, também sofriam discriminação racial, e desconsideravam a luta contra o racismo. Por este motivo que o feminismo negro foi se tornando cada vez mais urgente e necessário. Entendemos que é imprescindível a discussão entre as diferenças de gênero e raça, visto que as mulheres negras enfrentam tanto o machismo, quanto o racismo.

Nos dias atuais, a participação das mulheres negras e brancas na Ciência é maior do que nas últimas décadas. Todavia, esse avanço ainda não se iguala à participação dos homens brancos, principalmente quando se trata de pesquisa científica, fato que demonstra que as mulheres continuam em busca de igualdade, principalmente as mulheres negras, já que possuem uma menor participação.

Olinto (2011) cita dois fatores que podem prejudicar as mulheres profissionalmente: a segregação horizontal e a segregação vertical. A segregação horizontal refere-se à escolha da carreira determinada por gênero, ou seja, mulheres

tendem a escolher profissões consideradas femininas, comumente ocupadas por mulheres, e homens escolhem profissões vistas como masculinas. A segregação vertical faz com que as mulheres trabalhem em cargos de subordinação, que não progredam em sua carreira, pois enfrentam obstáculos e dificuldades para atingir cargos de liderança. Frequentemente observamos que são os homens brancos que mais ocupam os cargos de liderança e chefia, raramente são os homens negros e as mulheres, e se tratando das mulheres negras, esses cargos são ainda mais difíceis de serem alcançados do que para as mulheres brancas. Normalmente quando as mulheres ocupam esses cargos, são em profissões estereotipadas, que são tidas como femininas. Assim sendo, consideramos que o mercado de trabalho perpetua as desigualdades de gênero e raça, uma vez que é um espaço privilegiado.

As mulheres brancas estão mais inseridas no mercado de trabalho do que as mulheres negras. Silva e Ferreira (2012) apontam que enquanto as mulheres brancas conquistam locais que antes eram exclusivamente dos homens, como no trabalho, na política e em cargos de liderança, as mulheres negras quando inseridas no mercado de trabalho têm de reafirmar sua capacidade profissional, que requer uma força muito maior, sendo que também precisam lidar com preconceitos e discriminação racial no percurso.

Neste sentido, nos indagamos em como essas diferenças de gênero e/ou raça influenciam na trajetória dessas mulheres. Assim, mediante as narrativas de uma professora negra, buscamos compreender como uma mulher é (re)articulada no ambiente acadêmico da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e apresentar os elementos de translação que fortalecem e/ou enfraquecem a (r)existência de uma professora negra na UTFPR.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Questionar as formas com que o racismo atravessa a formação e produção acadêmica, perpassa por um percurso de não somente apresentar dados quantitativos, já apresentados em diversas outras pesquisas, mas sob um viés analítico qualitativo, que não vise somente diferenciar as questões referentes a classes sociais e etnia, mas também questionar como elementos culturais, sociais, políticos e governamentais atravessam o silenciamento dos corpos negros.

Por este motivo, acreditamos na potencialidade dos Estudos Culturais neste trabalho, e, portanto, discorreremos adiante sobre essa perspectiva, articulando-a com os movimentos pós-críticos feministas, de raça e ciências.

2.1 Estudos Culturais

Os primeiros indícios disciplinares dos Estudos Culturais surgiram na Grã-Bretanha em meados da década de 1950, em busca de traçar a formação social de onde surgem suas formulações teóricas e posturas políticas (CEVASCO, 2003).

Para Escosteguy (1998) os Estudos Culturais podem ser vistos tanto do ponto de vista político, quanto do teórico, como um processo que tem a intenção de construir um novo campo de estudos:

Do ponto vista político, podendo ser identificado como a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Da perspectiva teórica, resultam da insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade (ESCOSTEGUY, 1998, p. 88).

Ao desatar com as molduras disciplinares, na sua articulação com potencialidades de perspectivas, que se rompem com as dicotomias modernas, conforme afirma Cevasco (2003), é a partir da pós-modernidade que a cultura surge como diferenciador entre identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais. É neste sentido que os Estudos Culturais pensam uma rearticulação dos conceitos, aproximando-os em suas conexões e alianças. Ao se dispor da cultura no centro das discussões, os Estudos Culturais desierarquizam os objetos de estudo e trazem questões marginais para o centro das discussões (MEDEIROS, 2017).

Após o período de 1968, os Estudos Culturais foram transformados em cultura intelectual de esquerda, em uma nova tentativa de disciplinarização². Nesse sentido, teve-se um impacto teórico e político além dos muros acadêmicos, pois na Inglaterra iniciaram-se militâncias com compromisso de mudanças sociais (ESCOSTEGUY, 1998).

Outro movimento que fortalece e se articula potencialmente junto aos Estudos Culturais, de acordo com Hall (2003), é a intervenção do feminismo, intervenção esta decisiva para os estudos de culturas, pois reorganizou o campo de maneiras bastante concretas:

Primeiro, a proposição da questão do pessoal como político e suas consequências para a mudança do objeto de estudo nos estudos culturais. Segundo uma expansão radical da noção de poder, que até então tinha sido desenvolvida apenas no domínio público. Terceiro, a centralidade das questões de gênero e sexualidade para compreensão do próprio ser. Quarto, a abertura das questões do subjetivo e do sujeito, colocando-as no centro dos estudos culturais como prática teórica. E quinto, a reabertura entre a teoria social e a teoria do inconsciente, a psicanálise (HALL, 2003, p. 208).

Outra grande inserção nos estudos culturais foi a questão racial. Fez-se necessário a inclusão das questões críticas de raça, a política racial, a resistência ao racismo, questões críticas da política cultural (HALL, 2003).

Segundo o autor supracitado, raça não é científica, mas uma construção política e social. É um sistema de poder econômico, de exploração e exclusão, que desencadeia no racismo. Esse sistema defende que as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial, acontecem de forma natural, em termos de distinções genéticas e biológicas. Hall ainda destaca que é algo que o racismo contra o negro compartilha com o antissemitismo e com o sexismo, porém, desconsidera a questão de classe.

Em contrapartida, a etnia, de acordo com Hall (2003), é marcada pela diferença das características culturais e religiosas, em que são estigmatizados por serem culturalmente diferentes. “O racismo biológico e a discriminação cultural não constituem dois sistemas distintos, mas dois registros do racismo” (HALL, 2003, p. 71).

² Os Estudos Culturais desde seu início buscaram uma ruptura com a ideia das disciplinas, que foi chamado de não disciplinar. Mas diante do seu ingresso no meio acadêmico, tornou-se disciplina, mesmo em sua negação.

De acordo com Cevasco (2003) os Estudos Culturais chegaram formalmente ao Brasil no ano de 1998, através do congresso bianual da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), com o tema *Literatura Comparada = Estudos Culturais*. Para o desenvolvimento dos Estudos Culturais no Brasil, segundo a autora supracitada, deve-se realizar uma conversação teórica fluente de diversos lugares do mundo e adicionar nossas peculiaridades latino-americanas, para que se possa falar em cultura no mundo globalizado. O desenvolvimento também ocorre através dos pontos de relação entre a crítica cultural brasileira e os Estudos Culturais, afim de encontrar as semelhanças entre os projetos.

Segundo Medeiros (2017), a articulação entre teoria e política torna a prática teórico-crítica uma intervenção intelectual nos Estudos Culturais. Deste modo, a expansão dos Estudos Culturais na América Latina se deu com os processos de reabertura política pós-ditatoriais, a fim de refletir sobre a reinserção democrática da região. A ascensão no Brasil, então, converge com o avanço teórico-críticos latino-americanos, seguido da mesma reflexão, tão polêmica quanto.

Os Estudos Culturais ainda não fazem parte da tabela de Área do conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mesmo tendo uma atuação no fazer teórico-crítico e metodológico dos intelectuais de diversas áreas nas universidades brasileiras, e somente há pouco tempo originaram-se cursos destinados especificamente à área. (MEDEIROS, 2017). No entanto, possuem quarenta grupos no diretório de Grupos de Pesquisas certificados pelo CNPq que se referem diretamente aos Estudos Culturais, divididos em diversas áreas, o que indica sua transversalidade (MEDEIROS, 2017). Assim sendo, Medeiros (2017) menciona que os Estudos Culturais sugerem que as disciplinas sejam entendidas de maneira articulada, a fim de atuarem de forma multidisciplinar e transdisciplinar.

2.2 Estudos Feministas

O campo dos Estudos Feministas surgiu com a urgência de se tratar as questões de gênero como construção social e cultural e também relações entre poder e gênero. A princípio, a pretensão dos Estudos Feministas foi colocar a mulher como sujeito/objeto de estudo, já que durante a maior parte da produção científica tradicional fora ocultada ou marginalizada (LOURO, 2003).

Para Diniz (2014) “gênero é um regime político, cuja instituição fundamentada é a família reprodutora e cuidadora, e o patriarcado uma tecnologia moral” (p. 11-12). O patriarcado é um sistema de relação de poder e domínio do homem, com privilégio moral e social, enquanto a mulher tem o lugar de subordinação e opressão.

Nesta perspectiva, Swain (2014) entende a hierarquia baseada na “natureza”³ dos sexos, a heterossexualidade e a procriação como base primária do social, a predominância do masculino como norma e representação do humano, e complementa:

A diferença sexual criou os homens e as mulheres em significações sociais tão diversas, em hierarquia tão arraigada que anos e anos de militância feminista não conseguiram ainda destruir. Isto porque a reivindicação pela igualdade, cuja importância é inegável, não elimina a raiz da posição inferior das mulheres no social, ou seja, a diferença sexual, nem sua dimensão naturalizada (SWAIN, 2014, p. 40).

A partir da publicação do livro *Segundo Sexo* em 1949, da autora Simone de Beauvoir, se intensificaram as críticas à dominação masculina, e a temática mulher passou a ter caráter político (GROSSI, 2004). Após as revoltas de maio de 1968⁴, momento no qual a “questão da mulher” toma um lugar importante no bojo de diferentes disciplinas, os Estudos Feministas se fortaleceram com grande vigor, principalmente nos países do primeiro mundo.

No Brasil, o feminismo se desenvolveu em meio à ditadura militar, nos anos de 1970, com caráter de luta de classe e contra a ditadura. Com um intenso compromisso político, suas participantes – majoritariamente das camadas médias intelectualizadas – tiveram uma forte preocupação com a pesquisa sobre a situação daquilo que se pensava ser “a mulher brasileira” (GROSSI, 2004).

A Fundação Ford, em parceria com a Fundação Carlos Chagas, apoiou novas pesquisas sobre mulher e gênero, no decorrer de 20 anos (1978 a 1998), e assim teve um papel essencial no avanço dos estudos de gênero no Brasil. A pós-graduação foi desenvolvida no Brasil neste mesmo período, consolidando importantes grupos de trabalho sobre mulher e gênero. Nos anos 1990, apresentava-se uma vasta tradição

³ A autora se refere ao patriarcado, sistema de dominação e subordinação, em que foi construída uma representação do humano em mulher e homem, através da invenção de corpos e papéis sociais em função da genitália, sistema este que normatiza esses papéis, por considerarem que são diferentes por natureza.

⁴ A onda de maio de 1968 iniciou com um movimento estudantil na França, seguido pelos sindicatos de trabalhadores e, na sequência, por artistas e intelectuais não apenas da França, mas de muitos outros países.

de pesquisa sobre mulher e gênero, principalmente com a criação de revistas sobre o tema, como *Revista Estudos Feministas* e *Cadernos Pagu*, porém duas pesquisadoras latino-americanas contratadas pela Fundação Ford, concluíram que o campo de estudo de gênero no Brasil já estava bastante consolidado e que não era mais necessário tanto investimentos estrangeiros nesta área. As críticas diziam que “as acadêmicas brasileiras haviam sido cooptadas pelas instituições acadêmicas e que haviam perdido a capacidade crítica característica do ideário feminista” (GROSSI, 2004, p. 213). Esta avaliação fez com que a Fundação Ford não financiasse mais essas revistas, prejudicando o desenvolvimento das pesquisas.

A cultura escolar também foi apontada e criticada como produtora das diferenças de gênero, sexualidade, classe, raça e etnia. Até então, a voz que se fizera presente era a do sujeito masculino, branco, cristão, heterossexual, europeu, produtivo e reprodutivo. “Ao longo do tempo, essa voz obteve ampla autoridade e legitimidade, construindo e difundindo representações racistas, sexistas, colonialistas e eurocêntricas acerca da história, das identidades e relações sociais” (OLIVEIRA, 2014, p. 276-277). Sardenberg (2004) aponta que:

Na desconstrução da suposta dicotomia “sexo e gênero”, argumenta-se que essa diferenciação entre sexo e gênero já é uma construção de gênero, ou seja, a ideia de que sexo está para a Biologia assim como gênero está para a cultura já é uma construção de gênero. É uma coisa interessante para se pensar, principalmente no que diz respeito ao fato de que nossos próprios conceitos começam a ser desconstruídos, o que não deixa de ser meio complicado. (SARDENBERG, 2004, p. 11).

Portanto, podemos entender que sexo é o biológico, ou seja, características físicas com que o sujeito nasce, relacionado com os órgãos genitais e com o conceito de macho ou fêmea, enquanto gênero é uma construção cultural e social, relacionado com o conceito de identidade, na forma em que o sujeito se identifica, seja como masculino ou feminino, e não tem relação com a orientação sexual, que é desenvolvida ao longo da vida.

De acordo com Louro (2003), as pesquisas feministas são desafios epistemológicos, ou seja, referem-se a modos de conhecer, implicam discutir quem pode conhecer, que áreas ou domínios da vida podem ser objeto de conhecimento e que tipos de perguntas podem ser feitas. Fato que tem resultado no aumento de grupos comprometidos com os Estudos Feministas, que resulta em mudanças expressivas na pesquisa em Ciências Sociais e na Educação, através da introdução

de novas fontes de pesquisa, novos domínios de conhecimento e emprego de novos métodos de investigação (LOURO, 2003).

2.3 Feminismo Negro

Desde a década de 1970, militantes negras denunciavam a invisibilidade das mulheres negras nas pautas do movimento feminista. As críticas dessas militantes mostraram que o discurso universal é excludente, pois as mulheres são oprimidas de formas diferentes, sendo necessário discutir gênero com recorte de classe e raça (RIBEIRO, 2018). Neste sentido,

ao feminismo clássico (mulheres brancas, heterossexuais, de classe média), contrapõe o feminismo descolonial, ou seja, uma genealogia do pensamento produzido a partir das margens e comprometido com o desmantelamento da matriz de opressão múltipla, assumindo um ponto de vista que não seja eurocentrado⁵. (FUNCK, 2014, p. 24).

Buscando questionar o feminismo clássico, o feminismo descolonial propôs dar voz e visibilidade as mulheres afrodescendentes e indígenas, iniciando um trabalho de revisão do papel e da importância na criação e na resistência de suas comunidades (FUNCK, 2014).

É nesta articulação entre feminismo e movimentos étnicos, que Ribeiro (2018) nos evidencia o que é o racismo e explica o porquê nós, brancas e brancos, não sofremos racismo:

Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele, e para haver racismo, deve haver relações de poder. Negros não possuem poder institucional para ser racistas. A população negra sofre um histórico de opressão e violência que a exclui. (RIBEIRO, 2018, p. 25).

A força do feminismo toma potencialidade mundial entre 1960 e 1980, período em que feministas negras começaram a escrever sobre o tema, criando uma literatura feminista negra. No Brasil, se deu início nos anos 1980, quando surgem os primeiros coletivos de mulheres negras. O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, mas uma luta que realiza projetos democráticos (RIBEIRO, 2018).

Davis (2018) considera que o feminismo negro emergiu na necessidade de se discutir raça, gênero e classe, já que não podem ser tratados dissociados, mediante

⁵ Coloca a cultura europeia como sendo a mais importante e avançada do mundo.

o contexto social. Na época pediam que as mulheres negras escolhessem o que era mais importante, o movimento negro ou o movimento de mulheres num todo. Contudo, a autora destaca que o correto é entender as intersecções e as interconexões que existem entre os dois. Entretanto, não é possível obter êxito nos movimentos antirracistas, enquanto não forem considerados o gênero, a sexualidade e a classe nessas lutas.

Ribeiro (2018, p. 35) menciona que “existe ainda, por parte de muitas feministas brancas, uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e nos afastam”. O que as feministas brancas devem fazer é reconhecer seus privilégios, considerando que, se mulheres no geral são oprimidas, mulheres negras são em dobro, não somente pelo fato de ser mulher, mas também por sofrerem racismo. Pode não ser nosso local de fala, porém nosso papel como mulheres brancas, além de não reproduzir falas e atitudes racistas, é compreender o que as mulheres negras têm a nos falar/ensinar, não desmerecendo e deslegitimando sua luta, ser antirracista falar sobre o racismo e sistema racista com outras pessoas brancas, e principalmente apoiar com empatia e sem julgamentos.

Embora nos últimos anos a questão racial no Brasil tenha percorrido por mudanças, resultado dos movimentos sociais, Silva e Ferreira (2012) consideram que ainda falta muito para que a sociedade brasileira entenda que as lutas antirracista e de desigualdade de gênero devem ser consideradas como um todo, e não somente pelos que são diretamente atingidos por essas desigualdades. As mulheres negras são as que mais tem que resistir, já que sofrem com o racismo e o sexismo. A luta tem que ser de todos, somente dessa forma chegaremos mais próximo da igualdade social.

2.4 A Ciência é feminina? Quando é, é de mulheres brancas!

A Ciência foi feita por homens brancos ocidentais e de classe dominante, sendo assim, masculina e etilista (LOURO, 2003). As cientistas mulheres, quando comparadas aos homens, possuem desempenho/produtividade inferior, tem menor acesso a altos cargos acadêmicos, recebem menos recursos e salários mais baixos (LETA, 2003), principalmente se tratando das ciências exatas, já que nas ciências humanas a predominância é feminina.

Nos últimos anos no Brasil, as mulheres adquiriram uma média de anos de estudo superior à dos homens. Porém, se considerarmos a variável raça, as mulheres negras encontram-se em uma posição inferior às brancas (GÓIS, 2008). Góis complementa que,

Se os afro-brasileiros em geral ocupam uma posição de inferioridade em relação aos brancos no mercado de trabalho, a análise dessa questão tomando o sexo como recorte dá uma nova dramaticidade ao problema. Isso porque as mulheres negras ocupam as posições mais baixas nas escalas de assalariamento, seja quando comparadas aos homens brancos e negros, seja quando comparadas às mulheres brancas (GÓIS, 2008, p. 744).

Do mesmo modo que o gênero, a Ciência também é uma construção social e histórica, produto e efeito de relações de poder. Portanto, as construções científicas não são universais e sim locais, contingentes e provisórias (SILVA; RIBEIRO, 2011). Para além dos ramos educacionais, precisamos pensar outras perspectivas, com relação ao mercado de trabalho, uma vez que os negros enfrentam dificuldades muito maiores que os brancos. Dificuldades essas que se acentuam enormemente quando se trata da ocupação de cargos de gerenciamento e chefia (GÓIS, 2008). No caso das mulheres, as brancas ocupam mais esses espaços do que as negras, principalmente se tratando dos cargos de liderança, visto que as mulheres brancas já estão ocupando cargos que eram comumente dos homens brancos, enquanto as negras raramente são vistas nestes espaços.

Estas diferenças estão diretamente relacionadas com a discriminação e desigualdade social. As mulheres negras estão na base da pirâmide social e o topo é composto por homens brancos e ricos, conforme destaca Santos et al. (2017):

As mulheres negras são a parcela mais pobre da sociedade brasileira. No mercado de trabalho elas possuem as condições de trabalho mais precárias, tem os menores rendimentos e as mais altas taxas de desemprego. Em grande maioria ocupam cargos inferiores, subalternos, desvalorizados, com baixos salários, devido a pouca qualificação profissional por falta de oportunidades, têm maior dificuldade de completar a escolarização, além de possuir chances ínfimas de chegar a cargos de direção e chefia que refletem a baixa qualidade de vida social (SANTOS et al., 2017, p. 7).

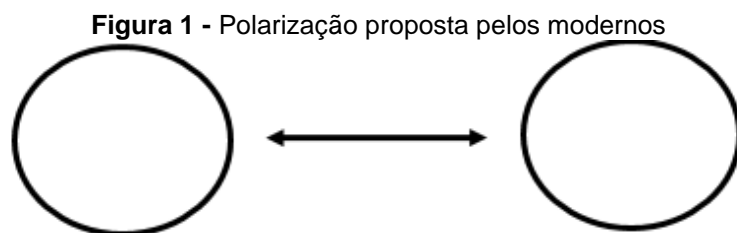
A autora supracitada menciona a necessidade de que se invista na efetivação das políticas públicas, para que assim, o quadro das desigualdades seja superado. A representatividade das mulheres negras na Ciência é mínima, já que infelizmente as

oportunidades não são iguais para todas. Por mais que as mulheres estejam mais inseridas no âmbito acadêmico e no mercado de trabalho, as mulheres negras ainda são as que vivem em situação de maior precariedade nestes espaços (SILVA; FERREIRA, 2012). Neste sentido, abordamos neste trabalho as circunstâncias que podem fazer essas mulheres adentrar nesses espaços, e quando estão inseridas, como se dá o processo de fortalecimento, para que consigam permanecer nesses ambientes excludentes.

2.5 Bruno Latour e a Teoria Ator Rede (TAR): quem são os elementos que (de)formam o ser mulher negra.

Mas o que leva a essa oportunidade reduzida de adentrar ao mundo da pesquisa para mulheres negras? É neste sentido que buscamos neste trabalho apresentar que elementos são sobrepostos diante da professora pesquisadora, para que essa seja silenciada nos ambientes de trabalho profissional na academia. Mas como fundamentar isso? Como estes elementos se atravessam?

Para Bruno Latour (2000), os modernos constantemente nos fazem crer que o silenciamento e marginalização destas mulheres negras ocorre por simples polarização: ou você faz por merecer e será pesquisadora, ou tornar-se-á somente mais uma mulher negra na sociedade. Ou se está de um lado, ou de outro, conforme a figura 1. Não é questão política, social, cultural ou racial, é simplesmente uma questão de “seleção Natural”.



Fonte: autoria própria

Para os difusionistas⁶, de um lado estariam as mulheres negras pesquisadoras, que mereceram estar lá, e do outro lado, as mulheres negras não-pesquisadoras –

⁶ Os difusionistas, segundo Latour (2000), seriam os sujeitos que buscam higienizar a Ciência, de modo singular, sem rastros, em que ela seja tomada a priori como verdade, para que “dome” as demais possibilidades de ciências.

em um processo dicotômico que separa de modo prescritivo, ou você se rende as regras e se inclui, ou estará a margem e excluída.

Nos Estudos Culturais, principalmente no que tange aos Estudos de Laboratório realizados por Latour e Woolgar (1997), observamos potencialidades para pensarmos como esse processo de normatização ocorre, e distancia mulheres negras da pesquisa. Para isso, os autores possibilitam como recurso, perspectivas próximas a tendências etnográficas de acompanhamento dos sujeitos, aqui neste trabalho transpostas por leitura heteroautobiográfica⁷, possibilitando rearticularmos o percurso por onde se construiu a norma que exclui e marginaliza.

Essa rearticulação proposta pode ser compreendida se tomarmos como os elementos são sobrepostos diante das sujeitas mulheres negras, como que analogicamente formando uma rede, principalmente ao tratarmos dos conceitos da Teoria Ator Rede de Bruno Latour (1994, 2000 e 2001) e John Law (1999 e 1992). Neste sentido, os elementos que buscamos captar nos discursos apresentados na heteroautobiografia da pesquisadora, foram nomeados de atuantes ou atores, obtendo neles a ação necessária nesta rede, em que eles, de algum modo, fortalecessem ou enfraquecessem as possibilidades de que a mulher negra possa transitar por locais até então excludentes, normalmente não ocupados por essas mulheres.

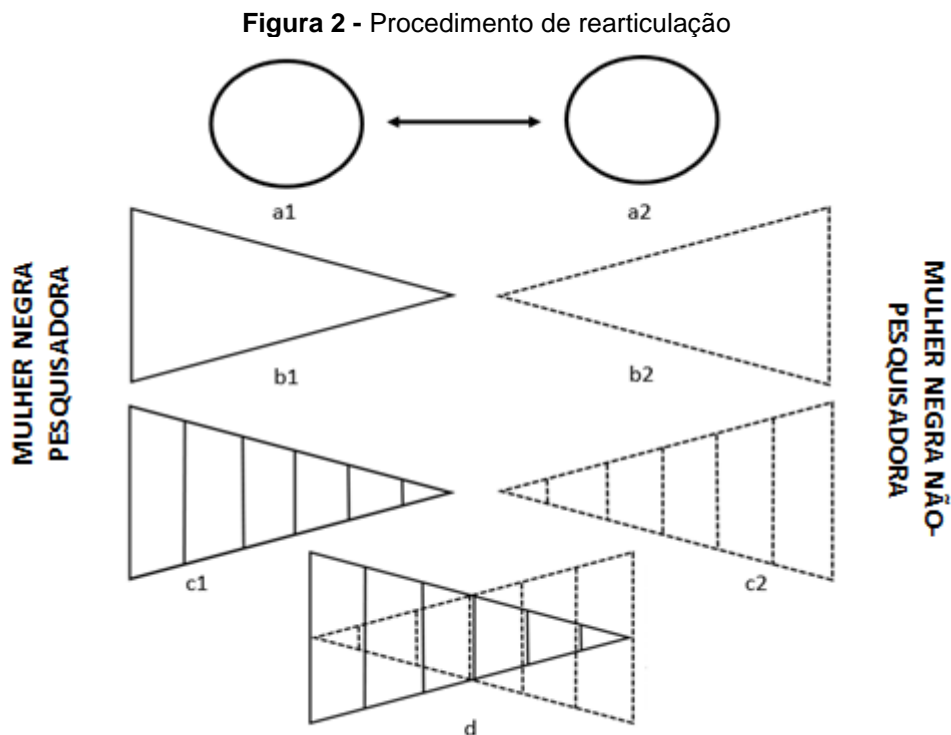
Para Moraes (2004), a rede de atores se traduz em multiplicidade de atores e até dela mesma, que é composta de séries:

[...] heterogêneas de elementos animados e inanimados, conectados e agenciados. Por um lado, a rede de atores deve ser diferenciada da tradicional categoria sociológica de ator, que exclui qualquer componente não humano. Por outro, também não pode ser confundida com um tipo de vínculo que liga de modo previsível elementos estáveis e perfeitamente definidos, porque as entidades da quais ela é composta, sejam naturais ou sociais, podem a qualquer momento redefinir sua identidade e suas mútuas relações, trazendo novos elementos (MORAES, 2004, p. 322).

Mas é importante salientar que isso não deve ser confundido a vínculos previsíveis e previamente definidos, somente poderemos compreender este fluxo de formação de uma rede, acompanhando cada discurso da pesquisadora, buscando rearticular fatores, que até então pareciam estagnados e tidos como verdades

⁷ Este conceito será discutido na metodologia.

inquestionáveis. Este procedimento de rearticulação pode ser representado pela figura 2, que antes de acreditarmos em um processo dicotômico, em que de um lado estariam as negras não pesquisadoras e de outro as pesquisadoras (item a da figura), iremos realinhar os atores (item c da figura) dentro dos “triângulos”, para que somente ao final, após um processo híbrido (item d da figura) de conexões e alianças, possamos dizer, o porquê do sucesso ou do fracasso de determinadas mulheres negras no percurso por serem pesquisadoras.



Fonte: autoria própria

Agora, nosso olhar se atenta para compreender como diversos atuantes se sobrepõem (não exatamente como nas linhas) camada a camada, até que ao se articularem tão fortemente, incluam ou excluam a mulher negra da possibilidade de ser pesquisadora, e neste sentido passamos a compreender qual a importância da compreensão dos modos de exclusão por questões étnicas, visando por fim, questionarmos as formas com que mulheres negras são excluídas socialmente, dando voz a estas mulheres. E agora, nós pós-críticos, poderíamos perguntar aos difusionistas: vamos recontar essa história desde os meandros?

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é compreender como uma mulher é (re)articulada no ambiente acadêmico da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), buscando responder a seguinte pergunta de pesquisa: Quais os elementos de translação que fortalecem e/ou enfraquecem a (r)existência de uma professora negra na UTFPR?

3.2 Objetivos Específicos

Buscando atingir o objetivo principal deste trabalho, articulamos os seguintes objetivos específicos:

- 3.2.1 – Conhecer as histórias que fizeram com que uma professora negra adentrasse a carreira acadêmica;
- 3.2.2 – Tecer a rede de atores que influenciam na atividade profissional da professora;
- 3.2.3 – Compreender como se dá o processo de resistência da professora negra, por meio da rearticulação dos atores que são postos diante de sua cor.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Sobre o referencial da metodologia

Os Estudos Culturais não possuem uma metodologia específica, pois é compreendida como uma bricolagem, “atividade pragmática que repudia as práticas disciplinares herdeiras das práticas de exclusões” (TERUYA, 2009, p. 151). Sendo assim, o método utilizado depende das circunstâncias, podendo ser utilizado um método ou mais, conforme a necessidade da pesquisa. Neira e Lippi (2012) entendem que na bricolagem não se busca encontrar verdades absolutas, mas compreender a sua construção e questionar a reprodução dos discursos hegemônicos, considerando aspectos sociais e culturais, e reconhecendo a correlação entre sujeito de pesquisa e contexto. “A subjetividade e o posicionamento político não são descartados” (NEIRA; LIPPI, 2012, p. 611).

Nesta perspectiva, a metodologia adotada foi baseada nos estudos realizados pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estudos Culturais e Inclusão e Diversidade (NEPECID), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – campus Campo Mourão.⁸ O instrumento utilizado para a coleta de informações foi um questionário aberto, enviado eletronicamente para a entrevistada, juntamente com o termo de consentimento. O questionário abordou questões relacionadas com a trajetória de vida da entrevistada, incluindo as relações familiares, sociais e profissionais.

Contamos a trajetória da pesquisadora mediante uma leitura heteroautobiográfica, através de sua narrativa de si. As narrativas são construídas pelos sujeitos que se narram e pelos que escutam e os reconhecem (POLIZEL, 2018). Segundo o autor supracitado, a heteroautobiografia constitui de deslocamentos e reconhecimentos, e inspirado pela autora Margareth Rago (2013), o mesmo elucidada:

- a) hetero visto que envolve dois corpos diferentes em encontro; b) biográfico visto que um corpo produz narrativas sobre suas experiencialidades, memórias, e relações espaço-temporais; c) autobiográfica visto que aquele que escuta e reconhece o outro, mistura suas experiencialidades ao criar um espaço de escuta e ao produzir registros deste encontro; e d) heteroautobiográfica, visto que as narrativas, as memórias, os reconhecimentos, escutas e

⁸ Este trabalho faz parte de um projeto mais amplo do grupo NEPECID, o qual está atualmente em validade junto a Diretoria de Projetos e Pós-Graduação (DIRPPG) do campus Campo Mourão.

registros, produzem enunciados e constituem a existência de ambos (POLIZEL, 2018, p. 389).

Neste sentido, fomos os sujeitos de escuta e deixamos que a pesquisadora se narrasse através de suas memórias e relatos. Através deste trabalho, expressamos nossos apontamentos e impressões.

Pautamos na pesquisa qualitativa, com inspiração metodológica na análise de conteúdo de Moraes (1999). De acordo com o autor, a análise de conteúdo é utilizada para descrever e interpretar o conteúdo de documentos e textos:

Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1999, p. 2).

Possui grande relevância no campo das investigações sociais, caracterizando uma abordagem metodológica com características e possibilidades particulares. A análise de conteúdo utiliza a indução e a intuição como estratégia, para que se alcance níveis de percepção mais aprofundados dos fatos que serão investigados. Considera-se que um texto possui muitos significados, podendo ser exposto por diferentes perspectivas. “Os valores e a linguagem natural do entrevistado e do pesquisador, bem como a linguagem cultural e os seus significados, exercem uma influência sobre os dados da qual o pesquisador não pode fugir” (MORAES, 1999, p. 3). Portanto, o pesquisador efetua uma interpretação pessoal em relação a compreensão que possui das informações coletadas.

A construção dos objetivos pode ser realizada no decorrer do processo, assim como as categorias poderão surgir ao longo do desenvolvimento da pesquisa (MORAES, 1999).

Moraes (1999) apresenta o processo de análise de conteúdo constituído de cinco etapas: preparação das informações; unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; categorização ou classificação das unidades em categorias; descrição; e interpretação.

4.2 Quem é nossa sujeita de pesquisa?

A entrevistada é uma professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)⁹, que se auto intitula negra. Utilizamos o nome fictício Sonia¹⁰ para nos referirmos à participante. Sonia é mãe, filha, irmã e esposa. Possui mestrado e doutorado.

Idealizamos esta pesquisa através de um encontro do orientador deste projeto com a entrevistada, em um evento da instituição, em que se conheceram e puderam trocar suas impressões e frustrações quanto as desigualdades de nossa sociedade e universidade. Sonia se incomodara com a falta de representatividade negra, não somente na instituição em que leciona, mas em todos os campi da UTFPR. Desta forma, manifestou sua vontade de que fosse realizado um trabalho que pudesse expor a desigualdade nas universidades e se disponibilizou a ser nossa sujeita de pesquisa.

Assim sendo, não demos voz a Sonia, todavia a deixamos falar por si mesma, mesmo sabendo que em um trabalho heteroautobiográfico sempre haverá uma interpretação interessada dos discursos.

⁹ Ocultaremos o campus em que a professora leciona, para que seja mantido seu anonimato.

¹⁰ Nome inspirado em Sonia Guimarães, primeira mulher negra brasileira doutora em Física, e primeira mulher negra a lecionar no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do questionário respondido pela professora Sonia, podemos compreender diversificados mecanismos de interdição dos discursos femininos negros, principalmente no que tange ao processo de identificação e resistência das mesmas. Ao nos aportarmos nestes resultados, posterior ao primeiro momento de observação e análise, apresentamos dois núcleos, não dissociados como discutimos posteriormente, que são eles: mulher negra pesquisadora x mulher negra não-pesquisadora.

Na ideia proposta pelos difusionistas, segundo Latour (2000), a modernidade contaria assimetricamente somente a história dos vencedores, subestimando os vencidos. O que propomos fazer de agora em diante neste trabalho, é reconectar estes elementos que ora tornam Sonia pesquisadora, e noutra distanciam-na deste lócus de desejo da mesma. Este processo dicotômico pode ser representado pela figura 3:

Figura 3 - Dicotomia entre ser mulher negra pesquisadora x ser mulher negra não-pesquisadora



Fonte: autoria própria

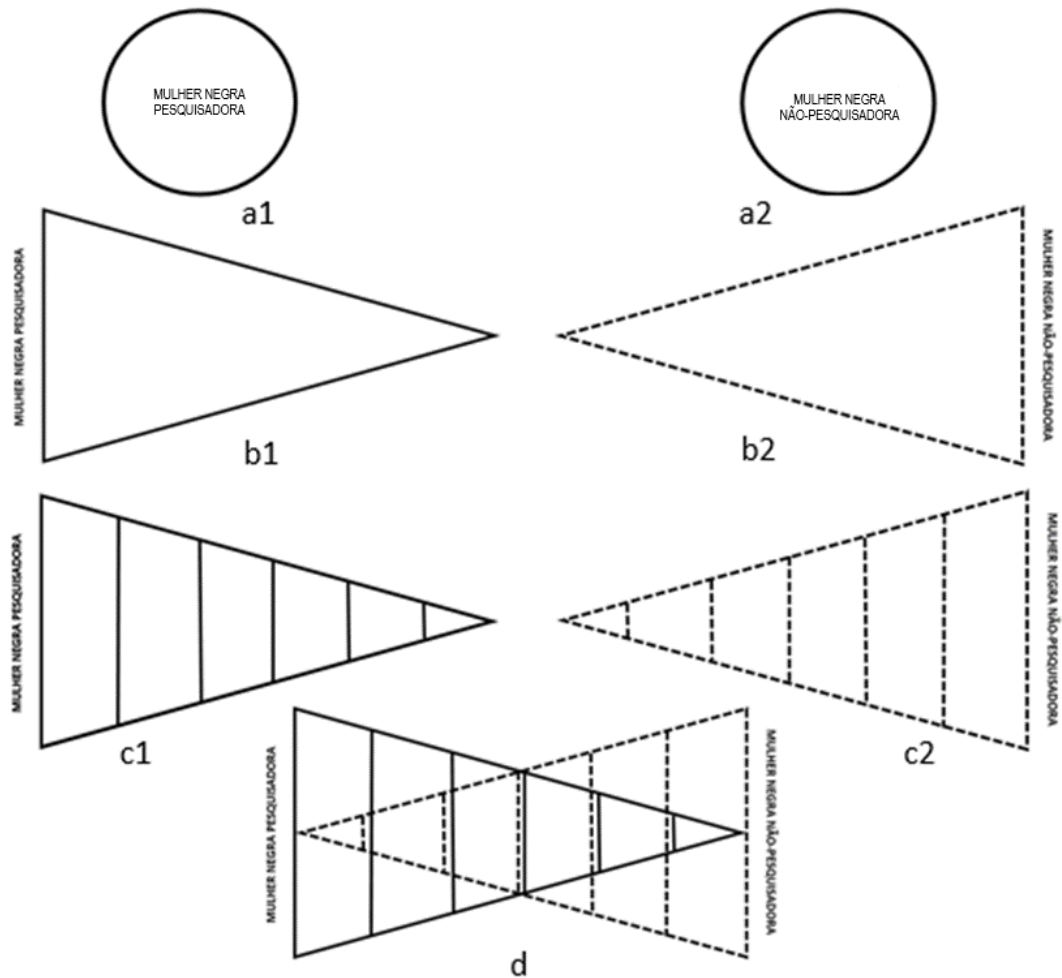
Este distanciamento, em que ou ela está de um lado ou de outro, é uma tentativa moderna de deslocar os processos de identificação dos sujeitos de sua contingência diante dos processos de produção da identidade. Reconectar estes passos, conexões e alianças entre os diversos atores, sejam eles humanos ou não humanos, torna-se de extrema importância para reativarmos o pulsar de realidade na produção desta sujeita ao longo de sua formação e resistência. Para além de um processo dicotômico, o que propomos aqui é reconectar movimentos de resistência e violência que constantemente foram lançados diante da professora, para que assim, possamos distanciar a possibilidade de uma meritocracia diante de tantos elementos que muitas vezes são silenciados no processo de identificação destas mulheres negras.

Latour, no livro *Esperança de Pandora*, ao retratar momentos de pesquisas realizadas na Amazônia brasileira, apresenta uma sobreposição de etapas que fazem desta mata somente um pequeno frasco com restos de solo da floresta, que são transportados a Europa para serem catalogados. Estas etapas muitas vezes são “esquecidas” em busca de uma Natureza das coisas, ou daquilo que Latour chama de epistemologia política das ciências. Para o autor, esta epistemologia trata-se de um engendramento de elementos que são esquecidos em nome de uma Ciência, singular e com letra maiúscula, que deve ser tomada como verdade, antes mesmo dos fatos. Para os modernos, em se tratando do nosso trabalho, poderia ocorrer a seguinte afirmação: se ela, mulher negra, chegou ao polo dicotômico da “mulher negra pesquisadora”, porque as demais não poderiam atingir o mesmo patamar? Seria somente uma questão de se esforçar e merecer.

Nós, estudiosos culturais, pensamos que esta dicotomia é atravessada por diversos modos de sobrevivência, tornando-se um híbrido, capaz de se rearticular constantemente diversas formas de violências e resistências, reorganizando os elementos que são atravessados na busca por novas possibilidades de existência. Deste modo, acreditamos que distantes da possibilidade de uma existência polarizada, devemos nos remeter as relações que são fortalecidas ou enfraquecidas ao longo do processo de formação de identidade da professora em questão.

Inspirando-se na perspectiva de Bruno Latour (2001) da não modernidade, e buscando compreender como ocorre este processo de engendramento e agonísticas do processo de produção das ciências, plurais, múltiplas e heterogêneas, buscamos em suas ilustrações inspirações para pensarmos o processo multifacetado da formação da identificação do ser mulher negra pesquisadora. Sendo assim, ilustramos na figura 4 a perspectiva de como procuramos compreender este processo.

Figura 4 - Procedimento de rearticulação



Fonte: autoria própria

Se inicialmente, os modernos objetivaram distanciar, como em a1 e a2 as possibilidades de pensarmos os híbridos que foram a Ciência da não Ciência, o êxito da professora mulher negra pesquisadora também pode ser tomado sob o mesmo viés, se formos ingênuos. Se em a1 e a2 a professora poderia ser uma merecedora de onde chegou, Latour nos possibilita pensar de outro modo.

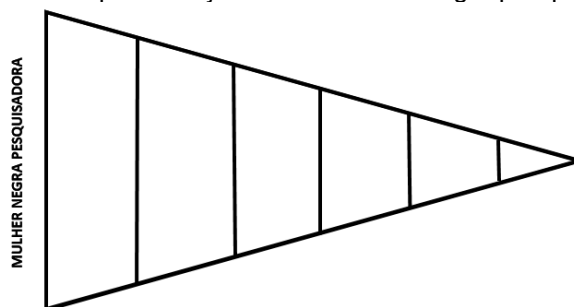
No segundo momento, nas imagens b1 e b2 podemos notar que existe um espaço a ser preenchido até que se torne mulher negra pesquisadora, e mulher negra não-pesquisadora. Que espaço é este? Como é preenchido? É resistência? É força? Persistência? Como a própria professora apresenta em suas falas? A resposta pode ser pensada um pouco mais a diante, com as imagens c1 e c2, em que alguns traços são sobrepostos, como camadas de um iceberg, que são sobrepostas pouco a pouco, camadas sob camadas, até que por fim, tenhamos algo tão fortalecido que venha a ser tomado como verdade.

Mas ainda há algo a questionarmos, pois as imagens ainda continuam distantes, de um lado 1 e de outro 2, de um lado pesquisadora, do outro não. Seriam os elementos somente fortalecedores ou enfraquecedores de um dos polos? Seriam estes polos desarticulados e dissociados? Ou pelo contrário, os elementos se articulariam, de diferentes modos, vez fortalecendo a possibilidade de ser pesquisadora, e em outro momento enfraquecendo? Acreditamos mais nesta segunda hipótese, e por este motivo, apresentamos a seguir, como os diversos elementos se relacionam nas falas da professora, buscando reatar o nó górdio¹¹ que os modernos buscaram desatar.

5.1 Resistência? Elementos que reforçam a possibilidade de ser mulher negra pesquisadora

No que tange ao ser mulher negra pesquisadora, Sonia nos traz vários elementos em seu discurso (representados pela figura 5), que abordamos aqui como formas de resistência. Em todo seu percurso pessoal e profissional, Sonia se posiciona como uma mulher forte e resiliente. Lembrando que não possuem elementos mais fortes ou mais fracos que os demais, todos são considerados com a mesma intensidade e conectados entre si.

Figura 5 - Representação do ser mulher negra pesquisadora



Fonte: autoria própria

A infância de Sonia foi humilde e estudou todo o ensino fundamental e médio em escola pública. Em sua trajetória escolar, Sonia era incentivada pelos professores, por ser uma aluna inteligente e que se destacava, por isso, ela não teve “grandes problemas” com os professores. Para eles, o fato dela ser negra e estudiosa, era

¹¹ Segundo a lenda que envolve o rei da Frígia e Alexandre o Grande, o termo nó górdio remete-se a ideia de uma questão sem solução.

entendido como exemplo para os demais estudantes. Nos questionamos então, caso Sonia não fosse uma aluna tão esforçada e inteligente, os professores a tratariam da mesma forma, ou a tratariam com descaso? Nos parece que os professores a utilizavam como exemplo por não considerarem “normal” que uma aluna negra fosse inteligente. Sonia desarticulou uma barreira, e fez repensar o preconceito e estereótipo de que negras/os não podem ser inteligentes.

Em meados do século XX, os ideais racistas eram baseados na Ciência, e em nosso país, considerava-se que a raça branca era superior a todas as outras, tese propagada pelo cientista francês Joseph Gobineau (1816-1882), que entendia que os índios, os africanos e os asiáticos deveriam ser dominados pelos brancos, por serem menos inteligentes e menos saudáveis (SILVA; BERNARDES, 2012). Todavia, como aponta Silva e Bernardes (2012), hoje em dia é comprovado cientificamente que todos os seres humanos são semelhantes biologicamente. Assim sendo, não existem diferenças biológicas consideráveis que possam justificar uma categorização racial, mas existindo somente a raça humana, que abrange todas as diversidades fenotípicas (SANTOS, 2005). Contudo, o racismo ainda é perpetuado e muitas vezes legitimado, herança de um passado escravocrata e colonial, acarretando no fato de os negros em muitas ocasiões ainda serem tratados com inferioridade e desprezo, como se fossem inferiores na inteligência e nas raízes culturais.

Um experimento realizado na Universidade Estadual de São Francisco, nos Estados Unidos, evidenciou que negros educados e inteligentes parecem mais claros aos olhos de outras pessoas, mesmo que inconscientemente. De acordo com os autores, Ben-Zeev et al. (2014), existe um viés de memória no tom de pele, específico à categorização racial. Esse viés está atrelado ao estereótipo de que negro não pode ser bom, educado e inteligente, e quando esse estereótipo é rompido, ocorre a distorção do tom da pele, resultando no sujeito imaginando-o mais claro inconsciente. “Ao se falar de negros, atribuindo-lhes características positivas ou negativas, as pessoas não estão falando de um sujeito determinado, mas de um estereótipo, de uma categoria geral coberta de ideologias, pré-existentes aos sujeitos” (SANTOS, 2005, p. 119). A autora cita como exemplo as frases: “Fulano é negro, mas... é bonito”; “é inteligente, tem alma branca”, ou seja, “são negros *mas* possuem características de brancos” (SANTOS, 2005, p. 119). Como se os atributos positivos fossem restringidos apenas aos brancos, e os negativos aos negros, decorre uma percepção de que se o negro possui certa qualidade pois foi apropriada do branco. Enquanto não

entendermos que as pessoas possuem individualidades e particularidades, que cada uma possui sua trajetória, diferente das demais, infelizmente o estereótipo continuará a ser perpetuado, e conseqüentemente, o racismo seguirá sendo aceito por muitos da sociedade, ao invés de ser suprimido como já deveria ter acontecido.

Durante a graduação, Sonia diz que foi a época em que não fez diferença e menos importou a cor da sua pele, “[...] *lá foi onde eu pude ser eu, apesar de ser a única negra da sala e de ter somente mais 4 alunas numa sala de 30 alunas que vieram de escola pública*”. Mesmo em um espaço majoritariamente branco, onde todas as outras pessoas eram brancas, Sonia pôde se fortalecer como mulher, pois o curso de sua formação [...] *permite que você use e seja exatamente o que você sonha, lá eu comecei a cuidar de mim realmente*”. Assim, a encorajou a permanecer no âmbito acadêmico, se tornando uma mulher negra pesquisadora. Sonia também concluiu o mestrado e doutorado *“de forma muito tranquila”*, e não sentiu dificuldade para ingressar nos processos seletivos. Porém, foi nesta época que ficou perceptível e incômodo para Sonia a falta de representatividade negra na academia. Para ela *“o número de pessoas negras, homens ou mulheres que vão avançando com a educação é mínimo [...]”*, em muitos casos Sonia era a única negra do local, atentando-se ao fato de que negras e negros ainda são uma minoria esmagadora nas formações superiores.

Esse cenário também é observado em nossa instituição, praticamente não vemos professores negros, inclusive dentre os próprios estudantes, os negros fazem parte da minoria, negros e negras de pele retinta então, praticamente não encontramos. As estatísticas expõem a desigualdade entre os negros e brancos na área da educação em nosso país: de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua, 2018), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017, a porcentagem de mulheres negras com 25 anos ou mais que possuem superior incompleto é de 29,6% e a de mulheres brancas é de 31,5%, diferença consideravelmente baixa. No entanto, considerando as mulheres com mais de 25 anos que possuem superior completo, o total de mulheres negras é de 9,3% e de mulheres brancas é 22,9%, ou seja, mais que o dobro de diferença. Essa disparidade ocorre, devido ao fato de que, a maioria das mulheres negras que ingressam no ensino superior não conseguem permanecer na universidade. Santos et al. (2017) afirmam que as mulheres que ocupam o nível superior são majoritariamente brancas, enquanto a maioria das mulheres no serviço

doméstico são negras. As autoras complementam que as mulheres que fazem parte das classes mais pobres são predominantemente negras, e no mercado de trabalho, “possuem as condições de trabalho mais precárias, tem os menores rendimentos e as mais altas taxas de desemprego” (SANTOS et al, 2017, p. 7).

Segundo Tavares, Braga e Lima (2015), referente as bolsas de formação e pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), as mulheres negras correspondem a 26,8% de bolsistas, enquanto as mulheres brancas 59%. Analisando as principais bolsas: Iniciação Científica (IC), Mestrado (GM), Doutorado (GD) e de Produtividade em Pesquisa (PQ), apresenta-se na Iniciação Científica 31,6% de bolsas para as mulheres negras e 59% para as mulheres brancas; no Mestrado as mulheres negras possuem 25,3% e as mulheres brancas possuem 59,1%; no Doutorado as mulheres negras bolsistas são 20,8% e as mulheres brancas são 61%; por fim, na Produtividade em Pesquisa, as mulheres negras representam somente 7% das bolsistas, enquanto as mulheres brancas 75,5%. Os dados sugerem que as barreiras enfrentadas pelas mulheres negras para ascenderem na carreira, é maior que das mulheres brancas. É sabido que esses dados nos escancaram como a desigualdade racial ainda faz parte da nossa sociedade, de forma exorbitante, infelizmente estamos muito longe de sermos uma igualdade racial. Para Vargas (2018), a ausência de mulheres negras na atividade científica denuncia a relação entre racismo e sexismo, fazendo entender a importância de se discutir e analisar as categorias de gênero e raça, e assim, tentar compreender como essas desigualdades influenciam na construção do conhecimento. Constatamos assim, que decorrente dos resquícios da estrutura patriarcal da sociedade, as mulheres negras além de sofrerem exclusão com o racismo, também enfrentam o machismo e sexismo, formas de opressão que fazem com que se sintam diminuídas.

A maior forma de resistência para Sonia foi o incentivo dos pais, que desde cedo a ensinaram a lidar e enfrentar o racismo. A mãe (branca) não queria que ela e a irmã tivessem o mesmo futuro de dona de casa, então fez o possível para que elas estudassem e nunca desistissem. O pai (negro) a ensinou que “[...] *tudo era possível, que se eu queria uma vida melhor eu devia ir atrás, lutar, estudar e batalhar*”. A mãe a ensinou a responder as pessoas que a discriminavam de forma firme e direta, para que ela soubesse como se impor e não abaixasse a cabeça para essas pessoas. Os pais também nunca deixaram a estima de Sonia diminuir, pois sempre a fizeram pensar que ela poderia ser o que quisesse. Graças ao apoio dos pais, Sonia foi em

busca dos sonhos e teve incentivo para além de entrar na universidade, permanecer e conseguir concluir.

Através do relato tão singelo de Sonia acerca dos pais, percebemos que eles possuem papel fundamental na criação das crianças negras. Os pais de Sonia a ensinaram a se amar acima de qualquer circunstância e do jeito que ela era, a incentivaram em todas as decisões e a aconselhava para que ela soubesse como enfrentar as atitudes racistas dos colegas de escola, e sem dúvida, fazia com que diminuísse um pouco o sofrimento pelas vezes em que a discriminavam. Sonia é extremamente grata aos pais e entendemos o motivo. Muitas vezes os pais de crianças negras não sabem lidar com o sofrimento dos filhos, em algumas famílias quase não se fala sobre o racismo abertamente, e não por culpa dos pais, pois normalmente eles cresceram dessa forma, culturalmente ainda é debatido pouco sobre o racismo nas famílias brasileira. Porém, vemos que com o decorrer do tempo essa situação felizmente vem mudando e, cada vez mais famílias estão ensinando as crianças negras a se amarem, amar os traços negros, amarem o cabelo e mostrando o quanto essas crianças são belas e assim, criando crianças empoderadas. De acordo com Vargas (2018), a concepção da identidade negra se dá por processo histórico e em relação ao outro, visto que cabelo e cor da pele possuem papel essencial na construção da identidade negra, em razão de serem os elementos considerados pela cultura na formação da representação social e da beleza do negro/a na sociedade brasileira.

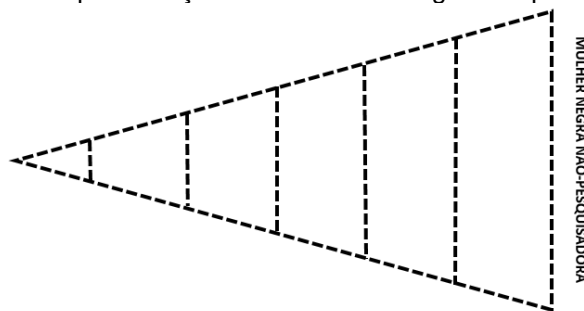
No livro *Para educar crianças feministas: um manifesto* (2017), Chimamanda Ngozi Adichie menciona que os pais devem ensinar as crianças que “papéis de gênero” são absurdos, para nunca lhes dizer para fazer ou deixar de fazer algo por serem meninas. “Porque você é menina” nunca deve ser razão para nada. Os pais de Sonia, mesmo sendo humildes e terem estudado somente até a quarta série, nunca a deixaram pensar que poderia ser menos do que quisesse ser e sempre a acolheram. Adichie (2017) acrescenta que se deve mostrar a beleza e capacidade de resistência dos negros, pois a dinâmica de poder no mundo, faz com que as crianças cresçam vendo imagens da beleza e da capacidade branca, das realizações brancas, em qualquer lugar que estiver, expondo assim, como é importante a representatividade negra nos meios de comunicação, é necessário que se tenha mais propagandas com mulheres e homens negros/as, que estejam presentes nos livros, nos filmes, nas séries, nas novelas, nos jornais, etc., e somente assim, as crianças sentirão que fazem

parte daquele local, se sentirão verdadeiramente representadas. Estaremos mais próximos da igualdade somente quando em todos os meios as pessoas negras estiverem na mesma quantidade que as pessoas brancas. A autora também nos lembra que as crianças crescem vendo muitas imagens negativas da negritude, pois normalmente são representados de forma estereotipada e depreciativa.

5.2 Elementos que reforçam a possibilidade de ser mulher negra não-pesquisadora

São muitos os elementos (representados na figura 6) que reforçam o ser mulher negra não-pesquisadora em toda a trajetória de Sonia, que tratamos aqui como formas de violência, que a distanciam de ser mulher negra pesquisadora. Em todas as fases de sua vida, ela tem que se provar boa o suficiente para aquele local que ocupa.

Figura 6 - Representação do ser mulher negra não-pesquisadora



Fonte: autoria própria

A infância na escola foi difícil, pois as crianças eram cruéis, a discriminavam pela cor da pele e principalmente pelo cabelo, a apelidavam com nomes depreciativos, como “*cabelo de bombril*”, “*cabelo de urubu*”. As crianças utilizam esses apelidos, normalmente ensinadas pelos cuidadores, que as ensinam desde cedo que tudo bem ter atitudes preconceituosas. Porém temos que entender que não está tudo bem, o racismo e a discriminação devem ser abolidos. Existe a infeliz ideia que o belo é somente o que vem da branquitude, neste caso o cabelo liso, mas temos que ensinar as nossas crianças, que todos são belos, que o cabelo crespo e cacheado é tão bonito quanto o liso. Sonia cita que estudou em uma época em que “[...] *bullying não estava na mídia e racismo não era crime* [...]”, a lei que aprovou que o racismo seria crime, veio somente quando estava no ensino médio, o que tornava o ser menina negra em uma sociedade racista ainda mais difícil e doloroso. De acordo com Vargas (2018, p.

47), “cabelo e cor de pele, influenciam na maneira como a negra se vê e como ela é percebida pela outra”. Sendo assim, o tratamento com o cabelo pode vir acompanhado de rejeição ou aceitação.

De acordo com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC, 2012), é na educação infantil que ocorre o desenvolvimento humano, a formação da personalidade, a construção da inteligência e a aprendizagem:

Os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação, fazendo com que as crianças, desde muito pequenas, compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnicorraciais para a história e a cultura brasileira (SECAD/MEC, 2012, p. 810).

Neste sentido, entendemos que as crianças que perpetuam atitudes racistas presenciem em algum momento de suas vidas tais atitudes, afinal, crianças não nascem racistas, mas aprendem com os adultos. As crianças reproduzem o que vivenciam em sua convivência. Se a família manifesta o racismo, mesmo que de forma velada, elas entenderão que aquilo é o correto, e os xingamentos racistas são normatizados. Santos (2005) entende a existência da discriminação e do racismo nas escolas como “elementos que influenciam negativamente o processo de formação social da criança, tanto negra, quanto branca, uma vez que a criança negra constrói uma auto concepção de si mesma e a criança branca passa a cristalizar sentimentos de superioridade” (SANTOS, 2005, p. 15-16). Deste modo, compreendemos que tanto a família, como a escola, possui papel fundamental na criação e educação das crianças, já que é nessa fase que ocorre a formação da personalidade.

O fato de ela ser inteligente e “nerd” também dificultava, pois, as crianças brancas não entendiam como uma menina negra poderia ser mais inteligente do que elas. Já as crianças negras a viam como modelo a ser seguido. O termo “nerd” foi utilizado por Sonia por ela amar estudar e ser uma ótima aluna. Geralmente, considera-se que “nerds” são somente homens e meninos brancos, como se as mulheres não pudessem pertencer a este público, principalmente se essas mulheres forem negras e também os homens negros, que normalmente não são consideradas/os “nerds”. Fizemos uma rápida pesquisa no Google imagens, com a

expressão “mulher nerd”, e constatamos que 99% das imagens são de mulheres brancas e loiras.

Sonia teve dificuldade para ingressar na universidade, obtendo êxito somente na quarta tentativa no vestibular, salientando-se que na época ainda não existiam cotas sociais e raciais. “[...] *demorei para passar pois no meu primeiro vestibular descobri que tinha muitos conteúdos que estava na prova que eu nunca tinha aprendido na escola pública*”. Então, para conseguir passar no vestibular, fez cursinho particular para aprender o que não tinha estudado na escola. Essa é uma situação enfrentada até nos dias de hoje pelos estudantes da rede estadual, a educação nas escolas públicas normalmente é inferior, pela falta de recursos e a desvalorização dos professores. O acesso dos jovens pertencentes à classe econômica baixa, no ensino superior, é consideravelmente menor que dos jovens de classes média e alta. Quanto mais pobres, menores são as chances de adentrar em uma universidade. E se tratando dos jovens pobres que são negros, as oportunidades são ainda menores, devido a desigualdade de oportunidades. Conforme avança o grau de escolarização, maior essa diferença entre as classes e entre brancos e negros. Desta maneira, as políticas de ações afirmativas e cotas sociais/raciais se fazem necessárias.

As ações afirmativas são políticas públicas desenvolvidas pelo governo ou pela iniciativa privada, com o intuito de reparar as desigualdades sociais perpetuadas ao longo dos anos, que impossibilita o acesso de grupos excluídos e discriminados às oportunidades, como empregos, política, saúde, vagas na universidade, bens materiais e reconhecimento cultural, e busca ampliar a participação desses grupos ao acesso à esses locais (BENTO et al., 2016). Uma das categorias de ação afirmativa são as cotas sociais e raciais, que se destinam a incluir os jovens pobres e/ou negros no ensino superior. No Brasil, a Lei das Cotas (nº 12.711) foi aprovada em agosto de 2012, sancionada pela então presidenta Dilma Rousseff, como política pública de ação afirmativa na educação superior (GUARNIERI; MELO-SILVA, 2017). “A lei garante a reserva de 50% das vagas nas universidades federais e institutos federais aos alunos oriundos integralmente do ensino médio público” (BRASIL, 2012). Dentre essas vagas, uma porcentagem seria destinada a estudantes negros e indígenas. Segundo Figueiredo (2018),

a política de cotas mudou consideravelmente a composição demográfica das universidades brasileiras, o que tem impactado positivamente no processo de produção do conhecimento, pois, à

medida que a universidade se torna mais inclusiva, as questões de pesquisa também se aproximam do universo desses estudantes (FIGUEIREDO, 2018, p. 9).

Entretanto, mesmo com o progresso, nosso país ainda está muito longe de possuir uma igualdade racial, já que combater o racismo e eliminar a desigualdade racial é um grande desafio, social e cultural, e devemos compreender que a educação é o principal meio de combate às desigualdades, além da conscientização (BENTO et al., 2016).

Respondendo a um dos questionamentos, Sonia cita que para ela o racismo *“ainda está vivo e só é camuflado. Eu posso testemunhar que em todas as áreas da minha vida, seja ela pessoal ou profissional eu já sofri com o racismo. Hoje em dia as pessoas disfarçam bem, mas ainda é muito vivo”*. Relatando assim, um acontecimento de sua trajetória que vivenciou: após se separar do pai do seu primeiro filho, que estudava em escola particular e tradicional, *“[...] quando digo tradicional quero dizer famílias brancas, pais casados e com situação financeira boa”*, foi sentindo, com o passar do tempo, o distanciamento de algumas famílias perante ela e seu filho. Fato que iniciou devido ao pai de uma amiga do filho, que estudava com ele desde os dois anos de idade, começar a fazer comentários sugestivos para Sonia, mesmo ela ignorando e disfarçando como se não estivesse enxergando o ocorrido. Após meses em que as crianças pararam de chamar o filho para aniversários e ela ignorada pelos pais, uma das mães a confidenciou que esse pai, que era casado, estava a difamando e inventando histórias a seu respeito, visto que ele tentava, de forma discreta, que ela aceitasse se relacionar com ele, e caso ela relatasse a situação para outras pessoas, faria com que elas não acreditassem, já que ele criava narrativas mentirosas sobre ela e o filho. Por causa deste episódio infeliz, Sonia experienciou como as mulheres negras são objetificadas e tratadas com hipersexualização em nossa sociedade, como se estivessem dispostas a se relacionar com qualquer sujeito, subjugada a condição de amante. O corpo da mulher negra é hipersexualizado em decorrência do racismo e sexismo, infelizmente ainda tão enraizado. Sonia vivenciou a face perversa do racismo e do sexismo:

Aqui eu vi o que era o racismo, o machismo e a discriminação em uma única situação. Eu sofri muito pois eu gostava de várias pessoas que foi contaminada por ele, mas a partir daquele momento minha postura mudou. Nessa época eu já era professora da UTFPR, já era mestre, minha vida era trabalhar e cuidar do meu filho e nada disso pesou ao

meu favor. Esse foi apenas um caso do que é a realidade da mulher negra no Brasil.

Sabemos que tanto as mulheres brancas quanto as mulheres negras, são oprimidas e subjugadas, devido a herança patriarcal de dominação masculina. Porém, as mulheres negras, além de enfrentarem o machismo, sofrem racismo e discriminação. Se as mulheres num todo já são oprimidas, as mulheres negras são ainda mais oprimidas, graças a articulação entre o racismo e o sexismo, e por serem hipersexualizadas. Vargas (2016) aponta que a hipersexualização da mulher negra ocorre em consequência de séculos de opressão, no qual foram submetidas à escravidão sexual e trabalho braçal forçado, e por isso, foram vistas como promíscuas. De acordo com Gonzales (1984), o mito da democracia racial exerce sua violência simbólica¹², sobretudo, sobre a mulher negra. Tal condição contribui para que as mulheres negras sejam tratadas como objeto sexual, diminuindo-as em relação as mulheres brancas. Portanto, entendemos que a luta das mulheres negras é necessária, enquanto não houver uma reparação histórica, as mulheres negras continuarão sendo inferiorizadas. Em função disso, os movimentos negros feministas buscam empoderar as mulheres negras e desmitificar essa hipersexualização.

Em relação a instituição em que trabalha, Sonia menciona que a atual direção do campus não possui nenhuma mulher em cargos de liderança das diretorias que envolve a graduação, e analisando as demais, possui somente uma diretoria com mulher em cargo de gestora. Sonia assumiu a coordenação de seu curso, e então foi convidada para representar sua área no conselho de graduação em uma reunião na sede da universidade, e o cenário a causou estranheza: a maioria dos integrantes da reunião eram homens, praticamente todos brancos, com idade superior a 40 anos, menos de 20% eram mulheres e ela era a única mulher negra. *“Eu fiquei chocada por perceber que em mais um lugar os negros e as mulheres quase não estão presentes”*. Referente ao corpo docente do campus, Sonia menciona que do quadro total, somente três professores são negros, *“[...] eu, uma outra professora e um professor que tem sua descendência que não é brasileira”*. E complementa que:

Esse cenário mostra para mim que tanto a mulher ou o homem negro ainda não estão presentes de forma significativa dentro das

¹² Para Pierre Bourdieu, violência simbólica são formas de coerção que se baseiam em acordos inconscientes entre as estruturas objetivas e as estruturas mentais, se tratando de uma violência sem coerção física, que causa danos morais e psicológicos (Santos, 2015).

universidades em cargos como no caso o de professor, menos ainda em cargos de gestão.

O relato de Sonia nos expõe a árdua realidade de ser mulher negra, em nosso país, assim como a de homens negros. Olinto (2011), indica que quanto mais elevados e de maior prestígio forem os níveis ocupacionais, maiores são as diferenças salariais entre os gêneros, e se tratando de cor da pele, a diferença aumenta ainda mais. Para que ocorram mudanças na participação das mulheres nos espaços de poder, Bairros (2019) menciona que é necessário que se façam outras análises sobre desigualdades intragênero, com o intuito de indicar as práticas que colocam empecilhos entre mulheres negras e brancas. Bairros nos expõe uma escala de valorização material e simbólica, “na qual homens brancos se encontram nas melhores posições, seguidos das mulheres brancas e depois dos homens negros” (BAIRROS, 2019, p. 11). As mulheres negras compõem o grupo mais marginalizado e possuem as piores condições de vida, consequência da desigualdade racial presente na sociedade brasileira.

A escolha do curso de Sonia se deu no ensino médio, pois na época abriu o curso na universidade estadual de sua cidade, então seria a oportunidade de ela cursar algo que tinha afinidade. Porém, num primeiro momento, os pais não ficaram felizes com a escolha de Sonia, deduzimos que pelo fato de a profissão ser normatizada pela sociedade como “feminina”, tida como uma profissão inferior e sem prestígio, trazendo a ideia de submissão. Já que Sonia era uma ótima aluna, os pais esperavam que ela fizesse um curso mais reconhecido e de maior prestígio.

Esse fato pode ser explicado por Almeida e Dias (2016): muitas vezes os pais não cursaram o ensino superior, como no caso dos pais de Sonia, deste modo criam expectativas e projetam a realização desse sonho nos filhos. Inclusive, grande parte dos adolescentes se esforçam para passar no vestibular para realizar o sonho dos pais, mas muitas vezes não estão satisfeitos com o curso de escolha. As profissões tradicionais e normalmente idealizadas são Engenharia, Medicina e Direito, pelo fato de os pais considerarem mais respeitáveis e rentáveis.

A escolha da carreira ocorre como um processo que implica variáveis complexas, articulando-se fatores subjetivos, emocionais e pessoais (Almeida; Dias, 2016). Entretanto,

o fator mais considerável é a influência da família, pois as opiniões que os pais têm das profissões são transmitidas aos filhos, de forma

intencional ou não, no âmbito das transações familiares através da valorização das dimensões que eles consideram mais importantes para o sucesso profissional (por exemplo, prestígio, independência, remuneração, realização pessoal), dos estereótipos associados às profissões, e dos significados atribuídos ao trabalho (ALMEIDA; DIAS, 2016, p. 70).

Entendemos que a família não deve intervir na escolha do adolescente, pois caso o filho opte em seguir a carreira que os pais almejavam para ele, diferentemente da sua primeira opção, podem se tornar adultos frustrados profissionalmente. Os pais podem aconselhar os filhos, porém a decisão final deve ser tomada pelo filho, para que não se decepcione no futuro. Afinal, os pais também têm que respeitar e aceitar as particularidades dos filhos e valorizar a escolha do adolescente.

5.3 Rearticulando os elementos, novas possibilidades de (r)existência

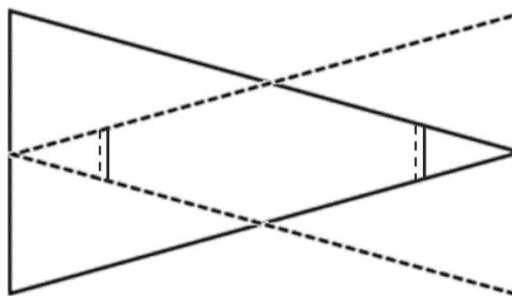
Expomos aqui, a sobreposição dos elementos que ora a distanciam, ora a aproximam de ser mulher negra pesquisadora. Entendemos que os elementos que resistem e violenciam a trajetória de Sonia, não podem ser considerados como uma dicotomia, como se de um lado existisse o ser mulher negra pesquisadora, e do outro lado, o ser mulher negra não-pesquisadora, já que ambos coexistem. Ao mesmo tempo em que Sonia resiste em reivindicar espaço em ambientes que comumente não ocuparia, a violência que a atinge a desloca no sentido oposto. Desta forma, os elementos encontram-se entrelaçados e não separados. Para realizarmos essa sobreposição, faremos uma rearticulação entre as camadas, conforme proposto por Latour (2001), visto que os elementos não podem ser tratados distintivamente.

Apresentamos os elementos de translação que fortalecem e/ou enfraquecem a (r)existência de Sonia, motivados por Latour (2001), que utiliza a translação para indicar o deslocamento dos atuantes de um lado para o outro, no qual é constituído um vínculo que até então não se apresentava, com o intuito de combinar os dois fatores em um único propósito composto. Para Latour (2001), a ideia de translação fornece a possibilidade de encontrar-se no meio ao invés de desviar-se, já que ocorre um alinhamento, através da passagem de um registro ao outro.

Consideramos que a primeira camada a realizar sobreposição (figura 7), ocorreu na infância de Sonia, em alguns momentos ela enfrentava atitudes racistas vindas das crianças da escola, ao mesmo tempo que os pais a empoderavam e a

faziam se sentir especial. Entendemos que os fatos não podem se tratar dissociados, já que ocorriam de forma articulada, pois enquanto existia os colegas que a discriminavam, os pais a acolhiam e faziam com que ela se sentisse bem e a ajudavam a lidar com a situação. Ainda na infância houve uma rearticulação pelo fato dela ser uma aluna estudiosa e inteligente, visto que as crianças brancas se incomodavam por ela ser mais inteligente que elas, enquanto as crianças negras a admiravam e a viam como modelo. Os professores também foram aliados, pois Sonia era uma ótima aluna.

Figura 7 - Deslocamento dos elementos

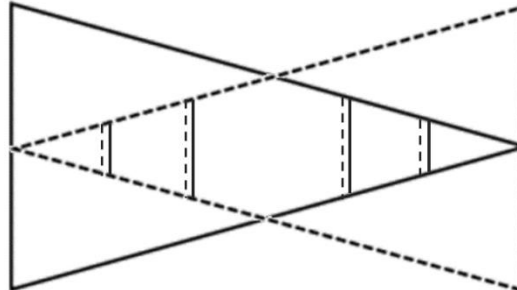


Fonte: autoria própria

Por conseguinte, articulam-se a falta de representatividade negra na instituição em que Sonia leciona, já que normalmente ela é uma das únicas pessoas negras presentes no local, e a carreira profissional, mesmo com todas as dificuldades e tentativas de silenciamento, ela resistiu e fortaleceu-se naquele local (figura 8). Sonia conquistou o que foi almejado, sendo fortalecida pelos atores, mas ao mesmo tempo, decorriam situações que a deslocavam para outro sentido, o de enfraquecimento. A própria Sonia, em um trecho do questionário, percebe essa articulação, mesmo que inconscientemente, quando menciona o fato de que mesmo ela já sendo professora da UTFPR e mestre, passou por situações de racismo e sexismo. Outro elemento de translação é o fato de Sonia ter assumido a coordenação do seu curso, alcançando um cargo de chefia, porém ela se incomoda com o fato de não ter praticamente nenhuma mulher em cargos de chefia e liderança. Nas diretorias de graduação não possui nenhuma mulher na liderança, e das demais diretorias, somente uma possui uma mulher como gestora. Sonia entende que o local que ocupa não faz parte de uma normatização, já que dia após dia a sociedade tenta silenciar as pessoas negras e distanciá-las dos locais de destaque. O fato de Sonia ter ocupado esse espaço a faz

ser parte da “exceção” e não da “regra”. Precisamos questionar as regras que são normatizadas e perpetuam pela sociedade.

Figura 8 - Camadas sobrepostas



Fonte: autoria própria

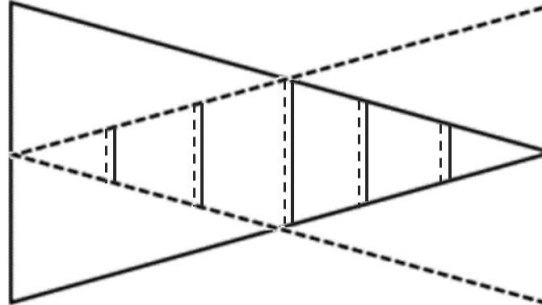
Por fim, a sobreposição (figura 9) se deu através dos pais, que foram e são tão importantes para a trajetória de Sonia, que neste trabalho se apresentam como atores potentes no processo de articulação da pesquisadora, pois se articularam e atravessaram o processo de Sonia em suas rearticulações em busca de seus interesses e objetivos.

Mas não nos enganemos que neste processo, os atores citados venham somente como articuladores potentes de uma resistência em ser mulher negra pesquisadora, pois em determinado momento, como evidenciado na fala de Sonia, seus pais a transladaram de seus interesses, ao se posicionarem contrários ao ingresso da pesquisadora no curso desejado, pois esperavam que ela escolhesse um curso de maior prestígio. O curso em que Sonia é formada possui o estereótipo de ser uma profissão feminina, não remunerada nas pretensões dos pais, então entendemos que os eles buscaram rearticula-la em seus objetivos, por talvez assimilarem a ideia de uma submissão da filha diante do seu desejo, já que os pais, e principalmente a mãe, não queriam que Sonia tivesse o mesmo futuro que o dela, de dona de casa, pelo fato de ela ser insatisfeita com essa situação, pois ela acredita que nunca foi devidamente valorizada.

Conforme os elementos se articulavam e as camadas iam sendo sobrepostas, ora para um lado, ora para o outro, o espaço que antes se encontrava vazio, foi se preenchendo pouco a pouco, conforme a figura 9. Cada uma das camadas que estão sobrepostas contribuiu para que Sonia pudesse chegar ao local que ocupa, e para que se tornasse mulher negra pesquisadora, e não o contrário. Percebemos assim,

que os atuantes influenciam em ambos os percursos, pois não estão dispostos de forma dicotomizada e isolada, mas sempre de modo articulado e interessado.

Figura 9 - Espaço preenchido pelas sobreposições das camadas



Fonte: autoria própria

Como podemos perceber na figura 9, possuem espaços vazios nas extremidades das bases dos “triângulos”, pois no decorrer do percurso de Sonia, etapa após etapa foi se perdendo elementos, que não estão articulados no enfraquecimento e/ou fortalecimento de sua trajetória, mesmo que esses elementos não sejam desconsiderados como parte do seu desenvolvimento, a tornando a mulher forte que é. Entretanto, os elementos que estão sobrepostos nos vértices são os que foram rearticulados, e alguns momentos se deslocavam para o enfraquecimento, em outros para o fortalecimento, já que não estão dissociados.

Consideramos que não existe um ponto de encontro entre os elementos que torne Sonia pesquisadora, como se avançassem de duas extremidades fixas para um ponto de encontro estável, pois assim permaneceriam estagnados e considerados como verdades inquestionáveis, e não possibilitaria a transição entre ser mulher negra não-pesquisadora e ser mulher negra pesquisadora. Deste modo, consideramos que os atores são rearticulados após um processo híbrido, ou seja, existe uma conexão entre os atuantes e os atores, que ora a fortalecem, noutra a enfraquecem, no sentido que a relação, e não divisão, entre os elementos a fizeram/fazem resistir como pesquisadora.

Portanto, queremos desmitificar o conceito de meritocracia¹³ que tanto é propagado na sociedade brasileira. Muitos consideram que Sonia se tornou pesquisadora em decorrência de tal conceito, desconsiderando todos os fatores que

¹³ Narrativa de que existe o bem encarnado no mérito e o mal personificado no fracasso. Como se os valorosos fossem superiores e os fracassados inferiores. É um esquema binário e excludente em que somente há essas duas opções, e entre as que há que eleger necessariamente: se algo é bom, seu contrário será mau (FERNANDEZ; FERNANDEZ, 2015, p. 2).

a fizeram resistir, como se ela não tivesse decorrido pelos percalços que a tentaram silenciar, o que desconsideraria totalmente sua trajetória. A meritocracia é um pretexto para a reprodução das desigualdades sociais, utilizada por muitos para perpetuar seu preconceito e discriminação, como se o fato de Sonia ter se tornado pesquisadora tivesse sido somente por ela ser merecedora e não por sua resistência como mulher negra.

6 (DES)CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como sabemos, não vivemos em uma sociedade igualitária, a discriminação social percorre por toda a história da humanidade. Pessoas discriminam as outras pelo simples fato de se sentirem superiores, como se o outro não pudesse conviver com dignidade na sociedade, essas pessoas fazem o possível para excluí-las do convívio, mesmo que inconscientemente. Existem muitas formas de discriminação, porém neste trabalho abordamos com maior profundidade as desigualdades de gênero e raça.

A professora que nos narrou sua trajetória até chegar ao local que hoje ocupa, de ser mulher negra pesquisadora, sofreu por diversas vezes com o preconceito, por causa da cor da pele e cabelo, e por causa do sexismo e machismo, preconceitos que perpetuam através da herança de anos de opressão e submissão, afinal ainda não superamos a escravidão.

Ao presenciarmos atualmente discursos de chefes de Estado que reproduzem discursos racistas e machistas, devemos nos posicionar ao lado daqueles que estão sendo oprimidos, em tempos de escola sem partido, de reforma de matrizes e diretrizes curriculares, de nova Base Nacional Comum Curricular. Devemos partilhar de ideias como de Paulo Freire, que nos fazem questionar de “que lado estamos”, não em um posicionamento binário, mas de sabermos se estamos do lado dos opressores ou dos oprimidos.

É nesta busca por evidenciar histórias de mulheres negras, posicionando-se ao lado dos oprimidos ao longo de toda a história, que partilhamos daquilo que Tedeschi (2018) afirma, pois, “quando os textos das mulheres negras e indígenas, por exemplo, são aceitos pela crítica e pelo público, suas histórias são sancionadas e começa-se a questionar os padrões construídos social e politicamente, como a noção da alteridade”, e somente deste modo, podemos dar voz ao histórico silenciamento das mulheres, para que estes processos deem espaço para questionarmos os padrões construídos socialmente, politicamente e culturalmente, rompendo com as possibilidades de uma meritocracia frágil e, principalmente, reprodutora e gestora de uma desigualdade social.

Enquanto tivermos uma sociedade racista, a escravidão não será superada, já que o preconceito por causa da cor da pele transpassa por gerações em meio a

discursos “enraizados” por processos de higienização e purificação das diferenças raciais presentes na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Tradução de Denise Bottmann. Companhia das Letras, 2017.

ALMEIDA, Aline Siqueira de; DIAS, Giselle Cristina. A influência da família na escolha profissional do adolescente: Uma revisão integrativa da literatura. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, jul./set. 2016.

BAIRROS, Luiza. **A participação das mulheres negras nos espaços de poder**. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/biblioteca/igualdade-racial/a-participacao-das-mulheres-negras-nos-espacos-de-poder>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

BENTO, Andréa Aparecida et al. Políticas de cotas raciais: conceitos e perspectivas. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET**, dez. 2016.

BEN-ZEEV, Avi et al. When an “Educated” Black Man Becomes Lighter in the Mind’s Eye: Evidence for a Skin Tone Memory Bias. **SAGE Open**, jan./mar. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Cotas**. 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

DINIZ, Debora. Perspectivas e articulações de uma pesquisa feminista. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska (Org.). **Estudos feministas e de gênero**: articulações e perspectivas. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, dez. 1998.

FERNANDEZ, Atahualpa; FERNANDEZ, Athus. Meritocracia e desigualdade. **ResearchGate**, jan. 2015.

FIGUEIREDO, Angela. Prefácio à edição brasileira. In: DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

FUNCK, Susana Bornéo. Desafios atuais dos feminismos. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska (Org.). **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.

GÓIS, João Bôsko Hora. Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, set./dez. 2008.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984.

GROSSI, Miriam Pillar. A revista Estudos Feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, set./dez. 2004.

GUARNIERI, Fernanda Vieira; MELO-SILVA, Lucy Leal. Cotas Universitárias no Brasil: Análise de uma década de produção científica. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 2, maio/ago. 2017.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. SOKIV, Liv (Org.). Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**. Brasil, 2018.

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu**, jul./dez. 2006.

LATOUR, Bruno. **A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru: EDUSC, 2001.

_____. A guerra das ciências. **Folha de S. Paulo, Caderno "Mais!"**, 1998.

_____. As variedades do científico. **Folha de S. Paulo, Caderno "Mais!"**, 1997.

_____. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). **Cadernos de Campo**, n. 14, dez. 2006.

_____. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. "O futuro da terra é decidido no concílio híbrido de Kyoto". **Folha de S. Paulo, Caderno "Mais!"**, 1997.

_____. **On recalling ANT**. In: Actor Network Theory and After. Org. por John Law e John Hassard. Keele, Backwell Publishers/The sociological Review, 1999.

_____. Os filtros da realidade. Separação entre mente e matéria domina reflexões acerca do conhecimento. **Folha de S. Paulo, Caderno "Mais!"**, 1998.

_____. **Políticas da Natureza**: como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTE, André. **Tramas da rede – Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(it)iches**. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. The trouble with Actor-network Theory. **Danish Philosophy Journal**, v. 25, n. 3 et 4, 1997.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAW, John. **After ANT: complexity, naming and topology**. In: Actor Network Theory and After. Org. por John Law e John Hassard. Keele, Backwell Publishers/The sociological Review, 1999.

_____. **Notas sobre a teoria do ator-rede: ordenamento, estratégia e heterogeneidade**. Trad. Fernando Manso. 1992. Disponível em: <<http://www.necso.ufrj.br>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Revista estudos avançados**, v. 17, n. 49, set. 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEC. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). In: RODRIGUES FILHO, Guimes; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins; NASCIMENTO, João Gabriel do (Org.). **Educação para as relações étnico-raciais: outras perspectivas para o Brasil**. Uberlândia: Editora Gráfica Lops, 2012.

MEDEIROS, Rosângela Fachel de. Seguimos temendo os Estudos Culturais? Reflexões sobre os Estudos Culturais no Brasil. **Intervenciones En Estudios Culturales**, Pontificia Universidad Javeriana, v. 3, n. 4, 2017.

MORAES, Marcia. A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11(2), maio/ago. 2004.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, 1999.

NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. Tecendo a Colcha de Retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, maio/ago. 2012.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. **Estudos Culturais: uma introdução**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 1992. Tradução de: Cultural Studies.

NUCCI, Marina Fisher. Crítica feminista à ciência: das “feministas biólogas” ao caso das “neurofeministas”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2015.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v. 5, n. 1, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. Ensino de história das mulheres: reivindicações, currículos e potencialidades pedagógicas. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska (Org.). **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.

POLIZEL, Alexandre Luiz. Narrativas gays: tecnologia da normalidade e a violência simbólica. **Colloquium Humanarum**, vol. 15, n. Especial 2, jul./dez. 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Aretusa. **Identidade negra e brincadeira de faz-de-conta: entremeios**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação: Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

SANTOS, José Vicente Tavares do. A violência simbólica: o Estado e as práticas sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 108, dez. 2015.

SANTOS, Maria Santana dos, et al. **Desigualdades de gênero: a mulher negra no mercado de trabalho**. Universidade Federal do Maranhão. VIII Jornada Internacional Políticas Públicas. Maranhão, ago. 2017.

SARDENBERG, Cecília M. B. Estudos Feministas: um esboço crítico. In: AMARAL, Célia (Org.), **Teoria e Práxis dos Enfoques de Gênero**. Salvador: REDOR; Fortaleza: NEGIF, 2004.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero. **Revista Labrys Estudos Feministas**, n. 10, jul./dez. 2011.

SILVA, Fernando Rosa da; BERNARDES, Vânia Martins. O ensino da história da África e dos afro-brasileiros: um enfoque sob os livros didáticos do 5º ano. In: RODRIGUES FILHO, Guimes; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins; NASCIMENTO, João Gabriel do (Org.). **Educação para as relações étnico-raciais: outras perspectivas para o Brasil**. Uberlândia: Editora Gráfica Lops, 2012.

SILVA, Kelly Cristina Caetano; FERREIRA, Jorgetânia da Silva. Perspectivas das mulheres negras no mercado de trabalho. In: RODRIGUES FILHO, Guimes; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins; NASCIMENTO (Org.), João Gabriel do. **Educação para as relações étnico-raciais: outras perspectivas para o Brasil.** Uberlândia: Editora Gráfica Lops, 2012.

SWAIN, Tania Navarro. Por falar em liberdade... In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska (Org.). **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas.** Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.

TAVARES, Isabel; BRAGA, Maria Lúcia de Santana; LIMA, Betina Stefanello. **As negras e os negros nas bolsas de formação e de pesquisa do CNPq.** 2015. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/documents/10157/66f3ea48-f292-4165-bf7b-8d630bdc8f9f>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Por uma história menor - uma análise deleuziana sobre a história das mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2018.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. In: MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Org.) **Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares.** Maringá: Eduem, 2009.

VARGAS, Márcia de. **A história das mulheres negras no brasil, no enfrentamento da discriminação e violência.** Produção didático-pedagógica (Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

VARGAS, Regina Nobre. **Sobre Produção de Mulheres Negras nas Ciências: Uma Proposta para a Implementação da Lei 10.639/03 no Ensino de Química.** Dissertação (Programa de Pós-graduação em Química) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

APÉNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento

Tendo em vista a necessidade de coleta de dados para o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso de Vanessa Justino Rocha, eu _____, consinto que a mesma utilize parcial ou integralmente os registros escritos em diário de campo, gravações (em áudio e vídeo) e entrevista, segundo as necessidades da pesquisa, acerca das atividades desenvolvidas na sala de aula, podendo divulgá-las em publicações, congressos e eventos da área com a condição de que seja garantido o anonimato (de todos os envolvidos) no relato da pesquisa. Contudo, a permissão para a recolha de dados se limita ao horário usual de funcionamento da universidade e/ou quando expressamente autorizado pelo sujeito de pesquisa.

Declaro ainda, ter sido informado(a) e esclarecido(a) quanto à investigação que será desenvolvida.

Campo Mourão, 02 de outubro de 2019

Assinatura

APÊNDICE B – Questionário de pesquisa

1. Como você se identifica? Quais histórias se relacionam com essa identificação? (como você se “define”)
2. Frente às violências vivenciadas pelas pessoas negras, como você compreende o racismo?
3. Relate histórias da sua vida que foram afetadas pelo racismo.
4. Frente às violências contra mulheres, temos desde agressões físicas, psicológicas à simbólicas, sob tais aspectos, o que você compreende como machismo?
5. Você poderia nos relatar momentos de sua vida em que tenha sofrido de tal questão?
6. E você fazendo parte dessas duas minorias, conte-nos o que você já vivenciou na relação com seus pares na instituição que trabalha.